

MÉDICOS VETERINÁRIOS DO ANO

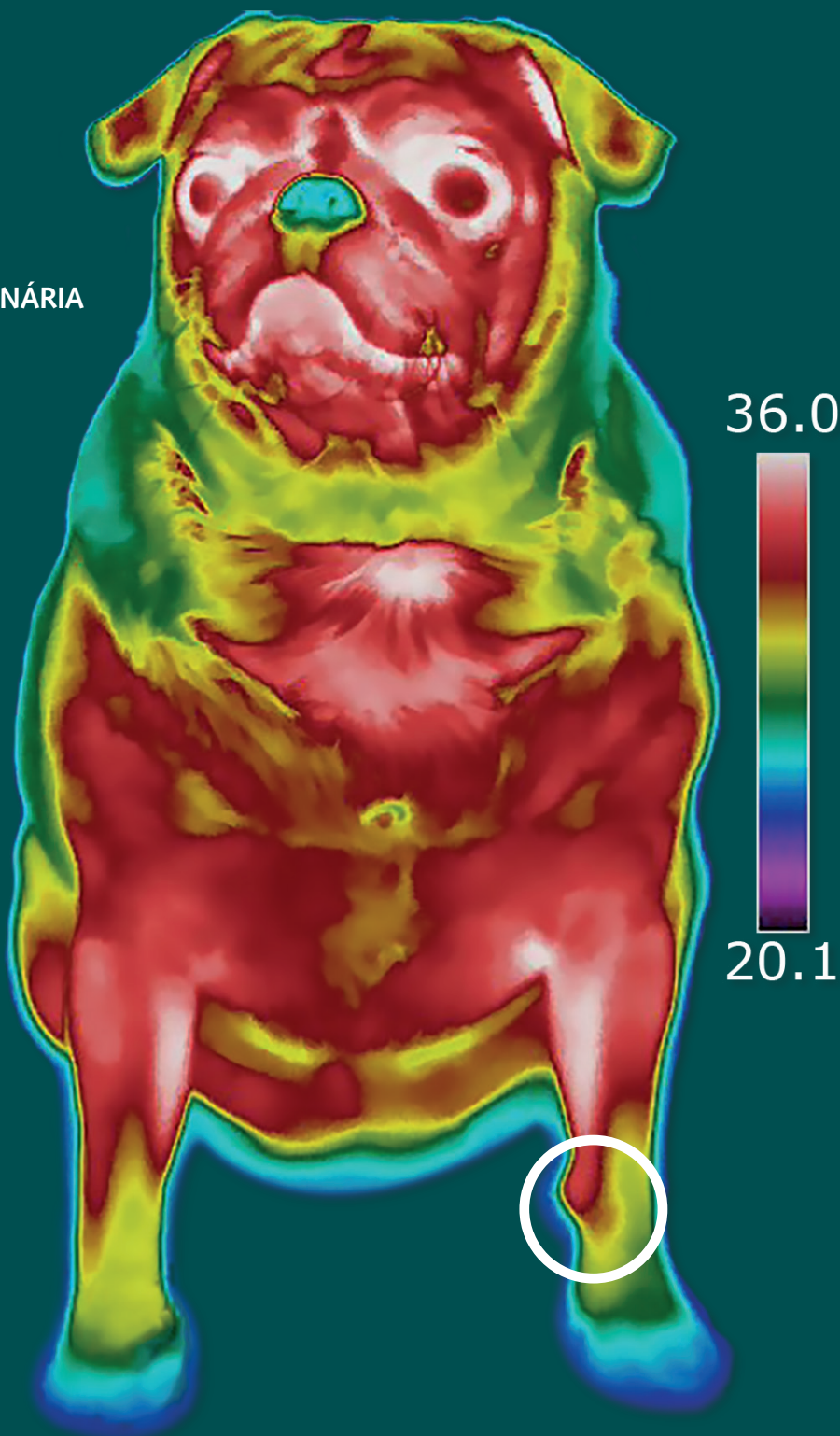
CLÍNICA VETERINÁRIA
EMPREENDEDORISMO
CIRURGIA E ANESTESIOLOGIA VETERINÁRIA
SAÚDE PÚBLICA VETERINÁRIA

MANEJO DO LUTO NA CLÍNICA VETERINÁRIA

SIPEAGRO
VOCÊ VAI PRECISAR DELE

DIAGNÓSTICO POR IMAGEM

TERMOGRAFIA, UM
MEIO COM INFINITAS
POTENCIALIDADES



SUMÁRIO

Editorial • A Academia e as novas tendências.....	03
Cartas a redação • Livro Virtuosa Missão	04
In memoriam • Hélio Ladislau Stempniewski.....	05
Notícias • O espírito de serendípita	06
Prêmio CRMV-SP dia do médico veterinário – 2017	07
Gestão • Mercado competitivo não deve ser motivo para insatisfação profissional	12
Por que o médico veterinário deve estudar o comportamento dos animais?	13
Saúde animal • Termografia em Medicina Veterinária	16
Clínica • Manejo do luto na clínica veterinária.....	19
Legislação • O que é SIPEAGRO?	21
De olho na Gramática • Cultivando a Língua Portuguesa	23

Editoria	Apamvet
Comitê Editorial	Eduardo Harry Birgel Alexandre J. L. Develey José Cezar Panetta Arani Nanci Bomfim Mariana Waldir Gandolfi
Redatores	Acadêmicos da APAMVET
Jornalista responsável	Regina Lúcia Pimenta de Castro (M. S. 5070)
Diagramação	Karina Vizeu Winkaler Tikinet Rua Santanésia, 528 – 1º andar – cj. 11 05580-055 – São Paulo/SP
Foto da capa	Dra. Samanta Rios Melo e Profa. Dra. Julia Matera, FMVZ-USP.
Impressão	Edigráfica Gráfica e Editora Ltda. Rua Nova Jerusalem, 345 – Bonsucesso 21042-230 – Rio de Janeiro/RJ
Tiragem	32.000 exemplares
Apoio	Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado de São Paulo – CRMV-SP
Redação	Academia Paulista de Medicina Veterinária, junto à SPMV Av. da Liberdade, 834 – 3º andar – Liberdade 01502-001 – São Paulo/SP Fone 11 3209 9747 Fax 3207 4505 apamvet@gmail.com www.apamvet.com
Distribuição gratuita	APAMVET Boletim é uma publicação oficial da Academia Paulista de Medicina Veterinária, dirigida aos médicos veterinários do Estado São Paulo, cujo objetivo é informar sobre todas as áreas de especialização. Os trabalhos, comunicados, cartas, comentários, relatos de casos e demais matérias para publicação deverão ser enviados para o e-mail spmv@spmv.org.br, aos cuidados da APAMVET.

Patronos e acadêmicos da Apamvet

1ª Cadeira	Patrono René Straunard Acadêmico Alexandre Jacques Louis Develey	11ª Cadeira	Patrono João Barisson Villares Acadêmico Flávio Prada	21ª Cadeira	Patrono Uriel Franco Rocha Acadêmica Irvênia Luiza de Santis Prada
2ª Cadeira	Patrono Adolpho Martins Penha Vaga 1º Acadêmico - ¶ Vicente do Amaral	12ª Cadeira	Patrono René Corrêa Vaga 1º Acadêmico - ¶ Hélio Emerson Belluomini	22ª Cadeira	Patrono Geraldo José Rodrigues Alckmin Vaga 1º Acadêmico - ¶ Hélio Ladislau Stempniewski
3ª Cadeira	Patrono Leovigildo Pacheco Jordão Acadêmica Arani Nanci Bomfim Mariana	13ª Cadeira	Patrono Euclydes Onofre Martins Acadêmico Manuel Alberto da Silva Castro Portugal	23ª Cadeira	Patrono Romeu Diniz Lamounier Acadêmico Waldir Gandolfi
4ª Cadeira	Patrono Paschoal Mucciolo Acadêmico José César Panetta	14ª Cadeira	Patrono Ângelo Vincenzo Stopiglia Acadêmico Benedicto Wladimir de Martin	24ª Cadeira	Patrono João Soares Veiga Acadêmico Kenji Iryo
5ª Cadeira	Patrono Ernesto Antônio Matera Acadêmico Eduardo Harry Birgel	15ª Cadeira	Patrono Adayr Mafuz Saliba Acadêmico Paulo Magalhães Bressan	25ª Cadeira	Patrono Quineu Corrêa Acadêmico Zohair Salim Sayegh 1º Acadêmico - ¶ Laerte Sílvio Traldi
6ª Cadeira	Patrono Mário D'Ápice Acadêmico Aramis Augusto Pinto 1º Acadêmico - ¶ Waldyr Giorgi	16ª Cadeira	Patrono Emilio Varoli Acadêmica Hannelore Fuchs	26ª Cadeira	Patrono Décio de Mello Malheiro Acadêmica Mitika Kuribayashi Hagiwara
7ª Cadeira	Patrono José de Fatis Tabarelli Netto Acadêmico Armen Thomassian 1º Acadêmico - ¶ Raphael Valentino Riccetti	17ª Cadeira	Patrono Sebastião Nicolau Piratininga Acadêmico José Luiz D'Angelino	27ª Cadeira	Patrono Paulo de Castro Bueno Vaga 1º Acadêmico - ¶ Luiz Klinger dos Santos
8ª Cadeira	Patrono Armando Chieffi Vaga 1º Acadêmico - ¶ Renato Campanarut Barnabé	18ª Cadeira	Patrono Moacyr Rossi Nilsson Acadêmico Mário Nakano	28ª Cadeira	Patrono Carlos de Almeida Santa Rosa Vaga 1º Acadêmico - ¶ Rufino Antunes Alencar Filho
9ª Cadeira	Patrono Orlando Marques de Paiva Acadêmico Carlos Eduardo Larsson	19ª Cadeira	Patrono Dinoberto Chacon de Freitas Acadêmico Angelo João Stopiglia 1º Acadêmico - ¶ Feres Saliba	29ª Cadeira	Patrono Plínio Pinto e Silva Acadêmico Vicente Borelli
10ª Cadeira	Patrono Oswaldo Domingues Soldado Acadêmico Olympio Geraldo Gomes	20ª Cadeira	Patrono Sebastião Timo Iaria Vaga 1º Acadêmico - ¶ Luiz Braz Siqueira do Amaral	30ª Cadeira	Patrono Raphael Valentino Riccetti Acadêmico José de Angelis Côrtes

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)

Boletim APAMVET / Academia Paulista de Medicina Veterinária. -- n.1, (2010) --. -- São Paulo: APAMVET, 2010- v. il.; 21 cm.

Quadrimestral
ISSN 2179-7110

Endereço online: www.apamvet.com

1. Medicina Veterinária – história. 2. Clínica veterinária. 3. Produção animal. 4. Meio Ambiente

CDD 636098

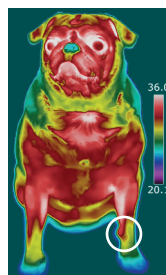


Foto da capa: Imagem termografica de cão da raça Pug. Circulo indica formação tumoral (mastocitoma); em membro torácico esquerdo. Nota-se aumento de temperatura na área em comparação ao membro colateral.

A Academia e as novas tendências

Uma das funções da Academia, se não a principal, é conservar a memória da profissão, resgatar a história dos profissionais paulistas que construíram a medicina veterinária com tanta grandeza no Estado de São Paulo. Este propósito foi brilhantemente alcançado quando, em 2015, publicamos, com a ajuda do Conselho Regional e de empresas do ramo veterinário, o livro *VIRTUOSA MISSÃO* e em 2016 quando reimprimimos a 1ª edição que tinha se esgotado. A obra está, atualmente, a disposição dos interessados bastando solicitá-la ao tesoureiro da APAMVET (adeveley@terra.com.br).

Nesta edição do Boletim, APAMVET homenageia e parabeniza os médicos veterinários do ano que foram destacados pelo Conselho Regional de Medicina Veterinária.

Mas os Acadêmicos, cada qual em sua área de especialização, não só olham para o passado: estão atentos à evolução das técnicas, às possibilidades de novos métodos de diagnóstico, ao surgimento de novas enfermidades e zoonoses e ao aparecimento de novas tendências do comportamento humano em relação aos animais e tem se manifestado neste Boletim. Este aspecto importante é a mudança dos hábitos e costumes dos proprietários de animais, hoje chamados de tutores: com a antropocentrismo crescente dos animais de estimação tornando-se verdadeiros membros da família, muda totalmente o procedimento da consulta clínica, muda a maneira da comunicação não só com o tutor mas também com o animal.

Nesta edição, trazemos dois assuntos relacionados a estes novos comportamentos. Sabendo lidar melhor com esta nova realidade, o clínico conseguirá não só melhores resultados mas, principalmente, poderá fidelizar seu cliente. Quando se lê o artigo **Por que o médico veterinário deve estudar o comportamento dos animais?** chega-se à conclusão que custa muito pouco e não se perde muito tempo na consulta para tornar o consultório *pet friendly* ou seja tornar o ambiente agradável para o animal trazido à consulta ou ao procedimento.

Mas não basta o ambiente ser agradável ao animal: o tutor, quando procura a ajuda de um clínico, está preocupado com o estado de saúde de seu pet, preocupado e até fragilizado. A clínica deve ser também *owner friendly* ou seja deve ser acolhedora para o tutor. Ele vai em busca de um apoio, espera com toda intensidade que seu animal volte ao seu estado normal, fique novamente saltitante e ele sente uma necessidade

de entender o que está acontecendo. É moda, nos tempos atuais, de falar em transparência. Um ditado comum diz que “a natureza deu ao Homem duas orelhas e uma boca para que possa escutar mais do que falar”! Na Antiguidade, Hipócrates, o pai da medicina, dizia “não há doenças, mas sim doentes” ou seja o clínico deve se esmerar numa boa anamnese, que é o caminho mais seguro para chegar a um bom diagnóstico.

Perguntar, ouvir e explicar, a chave do bom atendimento.

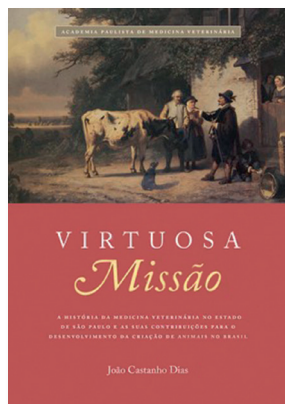
O médico veterinário Dr. Mário Marcondes tem uma sala contígua à sala de consultas onde explica ao tutor, de maneira didática e inteligível, e por meio de vídeo, qual a enfermidade que acomete o animal, quais os métodos adicionais de exame para confirmar o diagnóstico, quais as possibilidades de tratamento. A transparência traz, às vezes, uma verdade agressiva, que deve ser transmitida de maneira suave, respeitando a sensibilidade do tutor; especialmente na hora de comunicar uma notícia ruim, de dar um prognóstico desfavorável, o clínico atendente deve considerar o estado emocional abalado do tutor. Os antigos diziam *est modus in rebus* ou seja existem maneiras de fazer (ou dizer) as coisas... Certamente, o leitor da matéria *Manejo do luto na clínica veterinária*, ao longo do texto, vai se recordar de situações difíceis que enfrentou, situações essas descritas no artigo.

Finalmente, atentos a novas modalidades de exame, a autora descreve em matéria de capa, um procedimento antigo mas que até hoje é pouco utilizado. O termógrafo foi muito usado na 2ª Guerra Mundial para, à noite, localizar os soldados nas linhas inimigas, também é bastante usado nas transmissões de eletricidade da alta tensão para detectar pontos de mau contato e possíveis curto circuitos. Na medicina veterinária, a termografia é bastante empregada pelos fisioterapeutas mas ainda são poucos os clínicos que perceberam o alcance desta detecção de calor para apontar pontos de menor ou de maior fluxo sanguíneo como em carcinomas ou inflamações. A matéria **Termografia em Medicina Veterinária – uma técnica de infinitas possibilidades** abrirá novas oportunidades de diagnóstico especializado. Parafraseando Dra. Carla Berl “Com amplo acesso à informação, os proprietários tendem a procurar atendimento especializado. É uma tendência importante, pois o clínico obtém diagnósticos precisos e melhores tratamentos. Os diagnósticos são cada vez mais precoces, o que leva a um melhor prognóstico.” ■

Alexandre Develey – CRMV -SP 203
Tesoureiro da APAMVET

Virtuosa Missão, que conta a História da Medicina Veterinária em SP

Uma reimpressão do livro VIRTUOSA MISSÃO já está disponível. Para solicitar um exemplar entre em contato com o tesoureiro da APAMVET: adeveley@terra.com.br



Recebi o livro [Boletim APAMVET] e gostei muito.

Conversei com o Professor Flávio Massone sobre o interesse dele e do Boletim em ter o artigo intitulado "Associação Cetamina e Xilazina: o grande desconhecimento farmacológico" traduzido para o idioma inglês.

Ele se mostrou interessado em ter a tradução publicada, porém gostaria de saber se isso é viável e de interesse da Academia.

A grande razão para a tradução se dá pelo fato do assunto também ser de interesse internacional uma vez que ainda muitas clínicas aqui no exterior usam essa combinação, mas desconhecem os seus reais efeitos farmacológicos. O artigo em português foi recebido com grande repercussão.

Atenciosamente,

Dr. Luiz Santos DVM MS DACVAA
Lecturer Anaesthesiology – School of Animal &
Veterinary Sciences – The University of Adelaide
Roseworthy Campus – 1454 Mudla Wirra Rd – Roseworthy SA 5371

Caro Professor Luiz Santos,
Boa tarde.

Li sua mensagem e fiquei muito contente em ver o interesse que o Boletim da Academia Paulista de Medicina Veterinária, e em especial o artigo do Prof. F. Massone e outros, está despertando.

É claro que a APAMVET, lisonjeada com seu pedido, autoriza a tradução e reprodução na íntegra do artigo "Associação Cetamina e Xilazina: o grande desconhecimento farmacológico".

Se V.S. reproduzir este artigo numa publicação de seu conhecimento, peço, por favor, que, oportunamente, me mande uma cópia da publicação.

Agradecendo seu contato, receba minhas saudações acadêmicas.

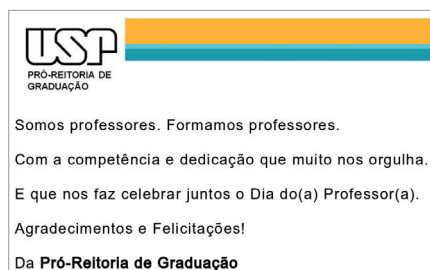
Alexandre Develey

APAMVET divulga

Homenagem da universidade de São Paulo a seus Professores!

Homenagem muito justa e a agradecemos, mas aproveitamos para ressaltar que o estado d'arte da nossa Universidade deve-se que quase exclusivamente às atividades didáticas e de pesquisa de seu corpo docente e técnico. Como reforço ainda deve-se destacar o orgulho que a VETERINÁRIA tem por ser sua antiga Escola de Medicina Veterinária do Estado de São Paulo uma das entidades de ensino superior integrante da USP em 1934. Espera-se que a universidade tenha o mesmo orgulho em ter entre suas unidades os dois cursos de Medicina Veterinária, tanto o do Campus Universitário Armando de Sales Oliveira – Butantã/SP, como o do Campus Universitário Fernando Costa de Pirassununga/SP.

A APAMVET faz desta mensagem a sua homenagem deste ano aos professores veterinários de São Paulo.



Nota de condolências

HÉLIO LADISLAU STEMPNIEWSKI

Ao Boletim da Academia Paulista de Medicina Veterinária

Quero expressar meus sentimentos pela passagem do médico veterinário Doutor HÉLIO LADISLAU STEMPNIEWSKI, profissional dedicado que construiu uma brilhante carreira no serviço público paulista. Seu desapego material e humildade fazem dele um exemplo para todos nós. O Doutor Hélio foi muito amigo de meu saudoso pai, que era também veterinário e ambos dedicaram suas vidas a levar conhecimento e ciência para a população. Meu pai, um estudioso nato, tinha em Doutor Hélio um companheiro de ideias e conduta. Meus pensamentos e orações estão com seus amigos e familiares.

Geraldo Alckmin

Governador do Estado de São Paulo

Hélio Ladislau Stempniewski

* 31/07/1931 – † 28/06/2017

Hélio Ladislau Stempniewski nasceu em Cravinhos/SP no dia 31 de julho de 1931 e ainda no alvor de sua infância a família transferiu-se para a capital do Estado de São Paulo, estabelecendo-se no bairro de Vila Mariana [Rua Dona Júlia, 193]. Kursou o colegial na Escola Estadual Presidente Roosevelt, anexo ao Ginásio Estadual e Escola Normal Alexandre de Gusmão – no bairro do Ipiranga – na Rua Bom Pastor, 1.560.

O saudoso Confrade Hélio L. Stempniewski, concluiu o curso colegial, em 1952, acompanhado de dois colegas e amigos – Vicente do Amaral e Eduardo Harry Birgel; nós erámos colegas mais novos do Mário Nakano, por feliz coincidência seríamos conviventes no curso de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo (em sua antiga sede na Rua Pires da Mota, 159) – coincidência ainda maior por sermos Acadêmicos da Academia Paulista de Medicina Veterinária (APAMVET).

Os três amigos optaram para fazer o vestibular em segunda chamada, na Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo. Havia ainda mais de 10 vagas não preenchidas na primeira chamada.

Em março de 1954, Hélio Ladislau Stempniewski iniciou sua vida de estudante na Faculdade de Veterinária da Universidade de São Paulo. Uma vida alegre de feliz convivência com seus novos colegas e revigorando a amizade com os amigos do C. E. Presidente Roosevelt – no Ginásio Estadual Alexandre de Gusmão, cujas escadas subíamos em tremenda corrida lendo sempre a frase do médico e poeta paulista José Martins Fontes – *o Bardo de Santos*: “Como é bom ser bom!” [o seu soneto mais famoso figura ao final deste texto – veja no site da APAMVET]. O pranteado amigo se caracterizava por sua distinção e elegância no modo de ser, de tratar as pessoas, com todos bem se relacionando: apesar de ser um terrível “gozador de tudo e de todos”. Na integração na comunidade universitária de então havia uma aprazível participação nas atividades do CAMV – Centro Acadêmico Medicina Veterinária: uns jogavam “buraco”, outros jogavam xadrez, com destaque para o Hélio que era um *expert*, quase insuperável.

Hélio recém-formado e casado com Maria Tereza Malheiro, aparentada com o querido mestre de parasitologia e Patrono da apamvet Prof. Dr. Décio de Mello Malheiro entrou no Departamento de Produção Animal, Órgão da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo.

A participação do médico veterinário no Instituto de Pesca foi administrativa e cientificamente, muito significativa tendo tido oportunidade de conviver e trabalhar com ilustres cientistas de destaque na área com os Patronos da APAMVET 11ª Cadeira Patrono João Barisson Villares; 16ª Cadeira Patrono Emilio Varoli; 22ª Cadeira Patrono Geraldo José Rodrigues Alckmin. Como também com o Notável Pedro Azevedo, Cirilo Mafra Machado; José Maria Bramley Barker e Eduardo Millen.



Na produção científica de Hélio Ladislau Stempniewski cabe destacar trabalhos que marcaram a bibliografia específica de criação e doenças de peixes de água doce:

- ◆ Doenças parasitárias dos peixes – Generalidades;
- ◆ Aspectos da Piscicultura no Estado de São Paulo;
- ◆ A trajetória da truticultura no Estado de São Paulo, no período de 1949 a 1999.

Diretoria do Instituto de Pesca – em 1987, Hélio Ladislau Stempniewski assumiu a Diretoria do Instituto, e dissemina os modernos conceitos criação de peixes de águas interiores (ecossistemas lânticos).

Academia Paulista de Medicina Veterinária/ APAMVET – em novembro de 2005 o médico veterinário Hélio Ladislau Stempniewski, é convidado como o primeiro ocupante da 22ª Cadeira – que tem como Patrono o Notável médico veterinário Geraldo José Rodrigues Alckmin, seu orientador nas atividades que desenvolveu na Estação Piscicultura do Instituto Pesca da cidade de Pindamonhangaba/SP.

Dr. Hélio era viúvo e deixa três filhos e dois netos. ■



Os calouros da FMV/USP (1954) apresentam-se à Sociedade.

1) Eduardo Harry Birgel; 2) Hélio Ladislau Stempniewski e 3) Vicente do Amaral.

O Espírito de Serendípite

por Rogério Lacaz-Ruiz

Encontrar algo é uma coisa, encontrar algo que não se procura, é outra; é serendípite! O termo é usado repetidas vezes no meio científico e acadêmico, onde existem muitos exemplos de serendipidade, mas podemos, de modo oportuno, aplicá-lo a outras situações da vida. Ocorre serendípite quando encontramos uma palavra no dicionário, estando em busca de outra; quando, na livraria, achamos um livro de ética, mas o que procurávamos era outro sobre computação.

Na vida acadêmica existem ocasiões múltiplas para viver a serendipidade. A rotina, a boa rotina de trabalho, é uma delas. O cientista busca seus resultados e, para tanto, imagina uma hipótese de trabalho e o plano para confirmá-la. No desenvolvimento do protocolo, se ele está atento, se exercita a serendipidade, pode descobrir muitas coisas que não eram objeto de busca. Se encontramos o que procuramos, diremos com Arquimedes: *Eureka!*, mas se encontramos o que não procurávamos, podemos dizer: Serendípite!

Definições de Serendípite

Horace Walpole (1717-1797) – em carta datada de 28-01-1754 para Sir Horace Mann – relata que ficou impressionado com um conto de fadas que leu sobre “Os Três Príncipes de Serendip” (ou Serendib, o antigo nome do Ceilão, atual Sri Lanka), que sempre faziam descobertas por acidente e sagacidade. Lentin (1996) comenta a história dos príncipes, e a propositura para o novo termo, mas também descreve que Walpole foi traído por sua memória. O autor diz que as descobertas de Serendip, Serendib, e Sarendip nada devem ao acaso, e que resolviam os problemas e enigmas pelo poder de suas deduções. Ruiz (1997) comenta que os três príncipes foram chamados pelo pai no leito de morte. O rei queria deixar todo seu vasto reinado para os filhos e também dizer que havia um grande tesouro muito próximo da superfície. Logo após a morte do pai, os três filhos mobilizaram todos os homens do reinado para cavar e revolver a terra. Após vários anos de trabalho, nenhum tesouro foi encontrado, mas a terra foi tão revolvida, que as colheitas foram as maiores de toda a história do reino; serendípite em homenagem aos príncipes que procuravam o tesouro e encontraram colheita abundante. A sabedoria do rei, ao aconselhar os filhos, pode ser definida, então, como serendipidade.

Exemplos de serendipidade

As histórias da microbiologia, parasitologia, virologia, são similarmente marcadas pela hábil exploração de observações aparentemente pouco plausíveis. A ciência moderna não deixa de ser uma crônica de descobertas serendipitosas.

O escocês Alexander Fleming descobriu, em 1928, a penicilina. Um esporo contaminante de *Penicillium notatum* adentrou sua placa de Petri contendo bactérias sensíveis a penicilina. Qualquer microbiologista diria que a cultura estava

contaminada, e que seria preciso repetir o experimento; Fleming, porém, graças à sua percepção, soube aproveitar essa aparente anomalia para descobrir o antibiótico. Talvez sua mente e seus olhos já estivessem preparados pelo fenômeno de 1922, onde uma gota de secreção nasal caiu na superfície do meio de cultura numa placa de Petri, e impediu o crescimento das bactérias por ação da lisozima presente no exsudato. Esta enzima descoberta na clara do ovo como agente anti-bacteriano pelo próprio Fleming, em 1922, foi também encontrada posteriormente nas secreções nasais e lacrimais dos animais. (Lacaz-Ruiz, 1992.)

A heparina foi descoberta por um estudante de medicina, que procurava, não um anticoagulante natural, mas caracterizar um procoagulante natural.

O anticoagulante oral tem sua origem nas pesquisas na área animal, feita em bovino que morreu de hemorragia espontânea após ingestão de trevo doce deteriorado.

Os sucrilhos ou *corn-flakes* surgem de um esquecimento do milho em um forno aceso durante todo um dia, por parte dos irmãos Kellog, no ano de 1898.

Continuamos a encontrar a atividade de pessoas serendipitosas em dezenas de instâncias fora da área biológica, alguns mundialmente comercializados: a borracha vulcanizada surge quando Charles Goodyear, em 1844, deixa cair um pedaço de borracha escolar, dentro de uma frigideira quente; o corante índigo, em 1893, quando um químico quebra o termômetro dentro de uma solução e reage com o mercúrio; o náilon, em 1939; o polietileno, em 1935, graças a um vazamento no laboratório.

Considerações finais

Devido à impaciência por resolver problemas práticos e imediatos, está se tornando cada vez mais difícil para os pesquisadores, desviarem livremente suas atenções e exercitarem o espírito de serendípite. A lembrança da serendipidade como atitude, com certeza irá ajudar no aprofundamento do que significa a humanidade em todos os seus aspectos. Existe até um axioma na ciência, que diz que a sorte favorece as mentes preparadas. Cabe a todos aqueles que se dedicam a ciência, o convite a refletir sobre o alcance do conceito de serendípite.

Referências Bibliográficas

Lacaz-Ruiz, R. *Microbiologia Zootécnica*. Editora Roca: São Paulo, 1992.
Lentin, J-P. *Penso, logo me engano*. Editora Ática: São Paulo, 1996.
Ruiz, W. *Comunicação pessoal*. ■

Sobre o autor

Rogério Lacaz-Ruiz é Professor Doutor de Metodologia Científica e Microbiologia Zootécnica na FZEA/USP.

Prêmio CRMV-SP: Dia do Médico Veterinário – 2017

O Conselho Regional de Medicina Veterinária, durante a Semana do Médico Veterinário, promoveu no dia 15 de setembro uma cerimônia para reconhecer os profissionais que “fizeram a diferença” e que se destacaram em seus campos de atuação.

ÁREA DE CLÍNICA VETERINÁRIA Prêmio Max Ferreira Migliano

Prof. Titular e Acadêmico Carlos Eduardo Larsson



Prof. Dr. Larsson se despede da vida acadêmica, após 45 anos fazendo história: “Nada faria de diferente. Vivi e dediquei-me por algo que acreditava e sonhava. Não me arrependo de nada e, tampouco, me vanglorio. Fiz o que deveria, no mínimo, ter realizado e recebi a recompensa justa por fazer. Sonhamos e concretizamos os sonhos sonhados. Somos imensamente gratos a todos que colaboraram para tal intento. Não vivemos para fazer um pouco de história na profissão e se algo ocorreu foi simplesmente viver a par com esta bendita veterinária”. Maria Helena, sua esposa, também garante que, se preciso fosse, faria absolutamente tudo igual, novamente.

Na década de 1940, no Planalto Paulista, bairro da cidade de São Paulo, nasceu Carlos Eduardo Larsson – filho do Sr. Carlos e D. Leda, iniciando seus estudos no Grupo Escolar Almirante Barroso [na Avenida Jabaquara, quase na frente da Paróquia São Judas Tadeu] onde conclui seu o curso primário (parte inicial do Nível Fundamental da escolaridade). A seguir, frequentou o respeitado Colégio Estadual Presidente Roosevelt iniciando seu interesse pela área biológica e pelo amor da sua vida, a Professora Maria Helena Matiko Akao, a qual lhe deu duas grandes alegrias que são os seus filhos Carlos veterinário como os pais e Mariana que é jornalista.

Em 1968 ingressou na Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo, iniciando, imediatamente após a graduação, atividades na profissão, junto com sua esposa, apesar dos planos de trabalhar como clínico ou em laboratório de renome; o destino lhe reservou uma nova diretriz: a docência, ingressando por concurso na Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias [UNESP] campus Jaboticabal, onde

permaneceu como docente durante um ano regressando para a capital paulista para ocupar uma vaga provisória na disciplina de Patologia e Clínica Médicas (de animais monogástricos) onde permaneceu até os dias atuais.

No período de 1974 a 1976, juntamente com seus colegas e amigos veterinários Mitika Kuribayashi Hagiwara, Wanderley Pereira de Araújo e José Luiz D'Angelino contribuíram com a veterinária integrando-a nas equipes de saúde pública através da epidemiologia, zoonoses e patologia comparada. Neste contexto frequentaram com pleno aproveitamento o curso de especialização [lato sensu] em Saúde Pública (CESP) da Universidade de São Paulo. A seguir, o médico veterinário Carlos Eduardo Larsson concluiu o curso de pós-graduação em Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP/USP). Na pós-graduação *strictu sensu*, obteve os títulos acadêmicos de Mestre; defendendo com brilhantismo a dissertação de mestrado – Aspectos Epidemiológicos da Toxoplasmose – [1976, ano de obtenção] e da tese de doutoramento – Estudo Epidemiológico da Leptospirose Felina – [1982, ano de obtenção].

Em 2001, recebeu bolsa de estudos de pós-doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior [CAPES] usufruindo na Universitat Autònoma de Barcelona [UAB/Espanha].

O Doutor Carlos Eduardo Larsson é professor titular do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo

Em nove de março de 2012, passou a ser um dos Imortais da Academia Paulista de Medicina Veterinária (APAMVET), ocupando a 9ª Cadeira, cujo patrono é o Professor Doutor Orlando Marques de Paiva.

Sua paixão pela dermatologia perdura há mais 40 anos, desde que lhe foi conferida a missão de ministrar as aulas de dermatologia na graduação na Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP. Com determinação fez deste desafio em sua trajetória dermatológica uma arte através da busca de conhecimento nos livros norte-americanos e fotografando todos casos clínicos que por suas mãos passavam.

Contudo, seu maior feito foi criar o 1º serviço de Dermatologia Veterinária na maior Universidade latino americana (USP); serviço este que completa 32 anos de existência, sendo responsável pelo atendimento de mais de 100.000 casos, sempre com sua direta e exemplar supervisão, orientando inúmeros estudantes, quer sejam estagiários acadêmicos ou profissionais – residentes e pós graduandos. Todos contemplados com sua vasta experiência, com que faz sua atividade ultrapassar os limites de um aprendizado.

Sua sede pelo saber fez com que frequentasse serviços de dermatologia das Faculdades de Medicina da USP e UNIFESP criando vínculos de conhecimento, amizades e conseguindo a abertura de portas aos seus dedicados desta conexão entre faculdades de veterinária e medicina no Estado de São Paulo criou também intercâmbio com outras Faculdades da

América do Sul, bem como da Europa, gerando vínculos de amizade e trocas de conhecimentos.

Na escola de Medicina da UNIFESP, onde frequentou o serviço de otorrinolaringologia adaptou técnicas semióticas e procedimentos de terapia otológica ao serviço de dermatologia veterinária, quando finalizou sua tese de Livre Docência, com tema inédito até então em termos de pesquisa na área da Clínica Veterinária no Brasil.

Em sua carreira, até o momento, constam publicações de 100 artigos científicos, 25 capítulos de livros e mais de 250 trabalhos apresentados em Anais de Congressos, Coordenação e participação didática e cerca de 70 cursos de curta duração e apresentação de 464 palestras no Brasil e exterior (Espanha, Venezuela, Colômbia, Peru, Chile, Uruguai, Argentina e México). No decorrer de suas atividades docentes e de clínico e pesquisador orientou 21 dissertações de mestrado, 6 teses de doutorado, 73 monografias de cursos de especialização, 8 trabalhos de conclusão de curso e 15 bolsas de iniciação científica. Além do mais, ainda participou de 167 bancas de concursos e comissões julgadoras.

O Acadêmico Carlos Eduardo Larsson é docente de cursos de pós-graduação (*lato sensu*) na Argentina, Colômbia, Portugal, Peru e Uruguai, sendo atualmente conselheiro editorial de 26 periódicos brasileiros, assessor *ad hoc* do CNPQ e FAPESP, como também por um período foi membro do Comitê de Medicina Veterinária da CAPES. Cabe também destacar que nosso homenageado foi criador e coordenador do primeiro curso de especialização em Dermatologia Veterinária na América Latina [curso promovido pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo e FMVZ/USP].

O Professor Doutor Carlos Eduardo Larsson sempre teve intensa atividade associativa, pois foi presidente da Comissão Mista de Especialidades do Conselho Federal de Medicina Veterinária, vice presidente da Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária, presidente da Sociedade Paulista de Medicina Veterinária e por três vezes foi presidente da ANCLIVEPA-SP. Quando fundou a Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBDV) – em 2.000 foi o momento de concretização de seu sonho com o de Cid Figueiredo, docente da UNESP – Botucatu/SP que é considerado o pioneiro da dermatologia veterinária no Brasil.

Em 1990, o acadêmico da APAMVET Carlos Eduardo Larsson, sob auspícios de uma tradicional farmácia magistral de São Paulo criou o “1º Formulário Veterinário de Prescrições Medicamentosas”, visando a terapia das enfermidades tegumentares chamado, cuja publicação recebeu a denominação de “Arte de Formular”.

A Sociedade Brasileira de Dermatologia Veterinária (SBDV), em 2004, firmou convênio de parceria com a Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia/FMVZ-USP para a implantação do primeiro curso de especialização em Dermatologia Veterinária (CEDV) da América Latina, ministrado com mais de 500 horas e regido pelas normas estabelecidas pelo Ministério da Educação (MEC) e do Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV).

Seu último grande feito, juntamente com seu amigo e discípulo Ronaldo Lucas, foi a edição do tão sonhado livro de

dermatologia veterinária, que demorou aproximadamente oito anos para sua execução, após longas e exaustivas correções... E mais correções. Pois é muito trabalhoso e demorado passar pelo crivo do ilustre acadêmico! O mestre prima pela perfeição e nós seus seguidores e gafanhotos sabemos disso e obedecê-lo é um privilégio, assim como um filho obedece a seu pai, com respeito e amor! Então a obra foi concluída em outubro de 2015 intitulada: “Tratado de Medicina Externa – Dermatologia Veterinária”.

A Prof. Dra. Soledad Chiesa assim se exprime: “Bem professor! Talvez esta nova geração onde a comunicação seja feita de símbolos e abreviações não entendam, quando ouvirem sobre as efemérides (diário, livro ou agenda em que se registram fatos de cada dia) da especialidade, quiçá palavras como, mormente (principalmente, sobretudo), corroborar (dar força a; fortificar; fortalecer), em opúsculo (pequena obra escrita acerca de qualquer assunto)... Provavelmente, não saberão o que significa uma zaragatoa alginatada [zaragatoa = planta herbácea, da família das Plantagináceas ou vareta de vidro ou madeira, na extremidade da qual se prende ou se enrola um pouco de algodão, com que se aplica medicação na garganta ou nas fossas nasais; e alginatada = o alginato é um derivado da parede celular de certas algas marinhas (castanhas ou marrons). Portanto essas algas são a matéria prima para a produção dos alginatos e sua transformação em ácido algínico, com ação terapêutica hemostática]. Mas nós, seus discípulos sempre nos recordaremos destas palavras, tão suas querido mestre, com todo respeito e carinho. Lembraremos do tempo em que tivemos a honra de compartilhar cada minuto ao seu lado aprendendo não só a dermatologia, mas a ética, generosidade com as pessoas e para com os nossos tão queridos pacientes. E fica na amizade e na humildade suas atitudes e qualidades que veem nas ações e que nos servem de exemplo e inspiração: o amor e o orgulho à nossa profissão”. E.H.B., A.S. e A.D.

ÁREA DE CIRURGIA E ANESTESIOLOGIA VETERINÁRIA Prêmio Ernesto Antonio Matera

Profa. Titular Denise Tabacchi Fantoni



Desde cedo, e também na adolescência, a colega Denise Tabacchi Fantoni frequentava a fazenda de seus tios onde

tinha contato com bovinos e, principalmente, equinos, que suscitou nela verdadeira paixão por esses animais, tanto que hoje em dia, aos finais de semana em sua casa de veraneio em Campos de Jordão, vai à hípica praticar equitação juntamente com sua filha Manuela.

Talvez por esse fascínio de adolescente, ingressou, a homenageada, em 1984 na Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo onde concluiu com brilhantismo o curso de Medicina Veterinária em 1988, sempre acompanhando os Professores Doutores Wilson Roberto Fernandes na Clínica Médica de Equinos e José de Alvarenga na Clínica Cirúrgica de Equinos, também, juntamente com as colegas de turma interessadas, então, na espécie animal em tela, Ana Liz Garcia Alves e Luciana Conceição Ferreira.

Terminada a graduação e já empenhada em seguir a área que vinha se desenvolvendo com sólidas bases técnicas e científicas, mercê os esforços do Professor Doutor Flávio Massone que, se dedicava inteiramente a especialidade da Anestesiologia Veterinária, Denise rumou para a UNESP de Botucatu a fim de realizar a sua Residência Médico-Veterinária, especificamente na área citada, pois na FMVZ de Botucatu havia a modalidade específica, diferentemente do que ocorria na USP, voltada à Clínica e Cirurgia e Pequenos animais.

Eis que Denise Fantoni se dedica com afincio e dedicação total ao que havia se proposto, quer durante a rotina diária, quer durante as madrugadas de plantão, com cavalos em cólicas, muitas vezes emendando uma à outra, sem descanso. Após um ano, eis que Denise de volta à São Paulo, onde ainda os cirurgiões anestesiavam, operavam e monitoravam o período pós-operatório. Coube a ela tentar convencer aos professores da velha e boa disciplina de Patologia e Clínica Cirúrgicas, e que seja lícito dizer aqui, o ramo direto da antiga cátedra, visto ser responsável, ainda, por toda a rotina hospitalar da área, que seria mais fácil e seguro se eles pudessem contar com pessoas que se responsabilizassem pelos períodos pré, trans e pós-cirúrgicos, enquanto eles ficariam afeitos às manobras operatórias e os cuidados imprescindíveis a estas.

O caminho se fácil não foi, também não foi impossível e, em alguns anos, não somente a clínica cirúrgica de pequenos como também a de grandes animais pode contar com serviço especializado de anestesiologistas, encabeçados pela Dra. Denise que, ainda, tinha de fazer seu mestrado em farmacologia, doutorado em Cirurgia, aulas na UNIP e na USP. Mercê aos seus esforços tal ideia ganhou vulto e outras disciplinas, como a técnica cirúrgica, a obstetrícia e os animais silvestres se adaptaram aos novos tempos anestesiológicos. Desta forma, pode-se concluir que coube a Doutora Denise modificar no início dos anos 90 do século passado a rotina de acompanhamento anestésico dos animais do HOVET/USP.

Assim, na USP galgou sempre, na anestesiologia, os cargos acadêmicos de professor assistente, professor doutor, professor associado após sua livre-docência e o último e difícil degrau da carreira, o de professor titular. Esse trabalho é aquele que reflete a burocracia acadêmica, mas por trás deles, há os bastidores de Brecht, com mais de 170 trabalhos completos publicados quer no Brasil, quer no exterior, em

revistas de alto impacto científico, dois livros publicados como Editora, e outros tantos capítulos escritos em livros publicados por outros editores, cerca de 600 palestras proferidas em São Paulo, por todo Brasil, América Latina e Europa, cursos ministrados no país todo e no exterior. Ainda, mantém estreita relação com equipes de anestesiologia veterinária experimental em várias continentes.

Pelas suas qualidades docentes, foi escolhida paraninfa de turma assim como patrona por sete vezes, em uma escola com mais de 120 docentes. Orientou 40 alunos de pós-graduação em mestrado ou doutorado e supervisionou 52 estudantes de iniciação científica. Estas são algumas das atividades, porque não podemos esquecer das centenas de horas aulas teóricas ministradas, das milhares de horas de práticas ministradas em São Paulo e na fazenda da USP em Pirassununga, na orientação de estagiários da faculdade e de outras faculdades e universidades do Brasil e de outros países. Essas suas atividades contaram com vários colaboradores, mas até pelo seu papel de líder tenha sido escolhida para a premiação que ora ocorreu, liderança essa não no sentido de mando, mas com o desiderato de abrir portas, facilitar os caminhos, mostrar os óbices, partilhar conhecimento e experiências, sempre de forma modesta, em face de seu vasto cabedal de conhecimentos. Esse é seu mister!

As suas atividades administrativas foram e são muitas tais como chefe do Departamento de Cirurgia, coordenadora do programa em pós-graduação de Clínica Cirúrgica Veterinária, presidente da Comissão de Ética no Uso de Animais (CEUA), de importância fundamental nos dias de hoje para o ensino e pesquisa em universidades, além das atividades no Conselho Departamental, CTA, Congregação e junto ao Hospital Veterinário onde organiza a rotina dentro de sua área. No dizer da professora: "a sorte foi a que tive ótimos exemplos de professores na faculdade, de gente que gostava do que fazia, de gente que gostava estar com os alunos e ensinar, este é o diferencial. Todo o resto, veio de muito esforço pessoal e trabalho de paciência." A.S.

ÁREA DE EMPREENDEDORISMO Prêmio René Corrêa

Carla Alice Berl, a empreendedora do ano



Instituído neste ano de 2017, pelo Conselho Regional de Medicina Veterinária, o Prêmio Empreendedor do Ano visa a homenagear médicos veterinários que se destacaram pela eficiência, através do empreendedorismo em seu segmento de trabalho.

Assim, na primeira edição, o prêmio foi outorgado com destaque à médica veterinária Carla Alice Berl.

Nascida em São Paulo, em uma família de grandes industriais, passava as férias na fazenda dos pais, onde aprendia a manejar os grandes animais, principalmente bovinos e, durante o ano fazia equitação no Clube Hípico de Santo Amaro, espécie animal que lhe propiciava grande interesse. Estava decidida a não seguir a tradição dos familiares, e sim decidida a cursar jornalismo ou direito. Devido, contudo, a influência de sua mãe, que dedicava apreço grande aos animais, foi convencida a prestar vestibular para a Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP em 1976, onde formou-se em 1980. Logo após a conclusão do curso de Medicina Veterinária foi aos Estados Unidos realizar Curso de Aprimoramento, no Animal Medical Center de Nova York, oportunidade que teve de conhecer como era exercida a profissão de maneira tão diferente do Brasil naquela época onde pode tomar contato com técnicas pouco utilizadas ou mesmo não utilizadas no Brasil e aprofundar seus conhecimentos em cardiologia e oftalmologia com os especialistas Doutores Larry Tilley e Stephen Gross.

De volta ao Brasil, sob a orientação das Professoras Dra. Mitika Hagiwara e Maria Helena Larsson, participou das atividades iniciais do HOVET da USP, dando continuidade a seu treinamento em cardiologia mas, também, se dedicando com afinco à clínica de pequenos animais, sendo por onze anos uma das principais veterinárias da Clínica Veterinária Faria Lima. A esse tempo seu entusiasmo por grandes animais, equinos em especial, fora transferido aos pequenos animais, onde via maiores possibilidades de avanços tecnológicos para diagnóstico e tratamento.

O seu lado empreendedor surge, quando, após onze anos trabalhando como médica veterinária percebe que é a hora de alçar vôo próprio, começando a organizar estudos para o funcionamento clínico e a administração de um negócio em veterinária de grande porte e investimento.

Desviando de um engarrafamento, por acaso, passou na frente de um terreno a venda no Morumbi: “é esse que quero”, pensou. E assim inicia o projeto de montagem de um hospital veterinário de padrão de excelência, à época, vale dizer, última década do século XX. O seu primeiro capital foi proveniente da venda de um apartamento que tinha herdado dos pais. Construiu primeiro o andar térreo e uma torre de três andares, em 1991, e com o crescer do movimento começaram as ampliações que não pararam mais, como o atual Centro de Oncologia Petcare; hoje o hospital do Morumbi tem 4.000 m², além das demais quatro unidades, situadas no Pacaembu, na República do Líbano e no Tatuapé com a marca Petcare.

A empresa conta hoje, com quatro grupos de investidores pensando sempre na ampliação do empreendimento e mantém mais de 150 médicos veterinários, generalistas e especialistas, contando com salas de consulta, centro cirúrgicos, salas de exames de imagem, tomografia, laboratório para patologia clínica, internação, UTI, hotel e banho e tosa somente na unidade Morumbi.

Herdou o espírito empreendedor de sua família, grandes empresários no ramo tintas, mas além de arrojada e borbulhante de ideias novas, ela tem uma qualidade ímpar: é altruísta. Ela não guarda as coisas para ela, em tudo onde se compromete empreender, ela procura agregar valor e fazer com que a equipe participe do sucesso da empreitada; ela se sente responsável por todos os funcionários e veterinários do grupo, e se preocupa para que todos possam crescer na organização e ter uma remuneração digna, ou seja, os incentiva a melhorar, estudando, viajando, e chega a ficar feliz quando eles também tentam um vôo solo, após apreender muito no time da Petcare.

Mais de 50 % dos veterinários acabam por se tornarem sócios dos hospitais: após um tempo de permanência, o profissional passa a ter direito a bônus sob forma de ações (no jargão empresarial a modalidade é conhecida por *stock options*). Quando se conversa com os membros do corpo clínico ou do laboratório ou do diagnóstico por imagem, sente-se este espírito de equipe e a vontade de fazer bem feito. Semanalmente, discutem casos e novidades publicadas na literatura.

Para ingressar no Petcare, o médico veterinário deve ter como curriculum mínimo dois anos de residência, em hospitais conceituados. Periodicamente, os novos recebem instruções sobre procedimentos operacionais padrão (POP) e sobre psicologia do comportamento. Ela incentiva os membros da equipe a frequentarem congressos, fazer estágios no exterior para ir melhorando cada vez mais os seus conhecimentos. Fazer um bom curso, assistir palestras, participar de um programa orientado de residência e se atualizar é básico para o sucesso do profissional, diz e continua: “medicina veterinária é uma ciência que evolui constantemente e se manter informado é fundamental”.

Logo nos primeiros anos do Petcare, Carla percebeu a tendência do mercado que estava evoluindo para especializações e tecnicidade dos atendimentos. Foi pioneira no uso de novos equipamentos e outros procedimentos não rotineiros em clínica de pequenos animais. Contratou os primeiros ditos especialistas em áreas para prestar atendimento como em cardiologia, oftalmologia, odontologia, entre outras. Também, foi o primeiro hospital a contar com atendimento de salas espera, de consulta e internação exclusivo para felinos.



Acelerador de partículas, único no Brasil para tratamento de neoplasias por radioterapia (por IMRT (Intensity Modulated Radiation Therapy)).

Mariana Campos

Vive atenta e procura inovar para poder atender melhor os clientes. Atualmente desenvolve uma pesquisa de células tronco com a pesquisadora Dra. Mayana Zatz, autoridade mundial no assunto, instalou um acelerador de partículas, único no Brasil para tratamento de neoplasias por radioterapia, quer 3D conformada ou por IMRT (Intensity Modulated Radiation Therapy).

Cirurgias cardíacas por cateterismo, *Bypass* para problemas de obstrução ureteral, UTI igual às hospitais humanos entre outras modalidades de avanços tecnológicos

“Com amplo acesso à informação, os proprietários tendem a procurar atendimento especializado. É uma tendência importante, pois o clínico obtém diagnósticos precisos e melhores tratamentos. Os diagnósticos são cada vez mais precoces, o que leva a um melhor prognóstico” destaca ela. Não acredita, porém, no fim das pequenas clínicas de bairro, desde que os proprietários destas tenham o mínimo de infra estrutura para fazer frente a demanda dos tutores. “Elas são da maior importância para tutores pois atendem praticamente 70% dos problemas destes pets”, acrescenta.

Finalmente, uma explicação do logotipo do grupo Petcare: o focinho de um gato, de um cão e no centro um coração, tudo em tons de azul e com o lema “eu amo meu dono – quem ama mais cuida melhor”. A.S. e A.D.

ÁREA DE SAÚDE ÚNICA VETERINÁRIA Prêmio Sebastião Timo Iaria

Dra. Adriana Maria Lopes Vieira – CRMV-SP 6089



Pós-graduação em Epidemiologia Aplicada às Zoonoses da FMVZ-USP.

Aos dez anos de idade Dra. Adriana decidiu ser médica veterinária, graças a um programa de televisão chamado *Daktari*, o sonho era trabalhar com animais selvagens. Em 1985 ingressou na FMVZ-USP e no último semestre, o amor pela saúde pública aconteceu e tudo mudou. Lembra ter feito investigações de casos de leptospirose, visitando núcleos subhabitacionais, onde aprendeu muito sobre medidas de antirratização e desratização, uso de equipamentos de proteção individual, controle de simuliões em cachoeiras, controle de vetores e animais peçonhentos, dentre outros.

Em fevereiro de 1990 foi aberta uma vaga de encarregado em educação sanitária no município de Guarulhos e ela

foi escolhida. Foi muito interessante desenvolver trabalhos na área de educação, em que ia para os locais onde havia grandes infestações de escorpiões ou casos de leptospirose, geralmente núcleos subhabitacionais. Colocava o projetor de slides “embaixo do braço” e lá ia ela, às vezes com seu próprio carro, às vezes em finais de semana. Nessa época muitos profissionais da saúde não sabiam o que o médico-veterinário estaria fazendo na Secretaria da Saúde; começava ali o trabalho de divulgar o papel do médico-veterinário na saúde pública.

Quando foi convidada a ocupar o cargo de chefe da Seção de Controle de Animais Sinantrópicos, foi a primeira experiência em chefiar equipes: um grande desafio, uma mulher jovem, recém-formada, comandar funcionários homens, machistas, que consideravam que sabiam tudo do trabalho que desenvolviam. Ganhou a confiança e o respeito da equipe, vencendo os preconceitos, superando as barreiras, sendo o exemplo de ética, por muitos ainda desconhecida. Boa parte da confiança veio pelo cuidado que tinha com esses funcionários, lutando por melhores condições de trabalho, conseguir os melhores equipamentos de proteção individual, conseguir exames de saúde periódicos. Incansavelmente estimulava-os a estudar, alguns que a ouviram são hoje biólogos, professores, advogados, dentre outras profissões. E importante lembrar que sempre deixou claro que o trabalho era em prol da população e que, os resultados, positivos ou não, os afetaria diretamente e que essa população eram eles mesmos e suas famílias.

Aprovada em concurso, assumiu em 1993 a chefia da divisão, na época chamada Divisão Veterinária e posteriormente, Divisão Técnica de Controle de Zoonoses. Lutou por melhores condições de trabalho para os funcionários. Teve contato com cães e gatos abandonados: na época os animais eram recolhidos das ruas, aguardavam três dias e aqueles que não tinham tutores eram eliminados. Inicialmente eram enviados ao CCZ de São Paulo, para a câmara de decompressão e, posteriormente, ela teve que assumir a eliminação, inicialmente utilizava eletrochoque, migrou-se para câmara de monóxido de carbono e por fim, eutanásia com pré-anestésicos, anestésico e curarizantes.

Em 1995 o primeiro contato com a ciência do bem-estar animal, por meio da Conferência Pet Respect promovido pela então World Society for the Protection of Animals (Sociedade Mundial de Proteção Animal), hoje World Animal Protection. Para Adriana só há um bem-estar único: humano-animal-ambiental, uma grande fonte inspiradora para a saúde única.

Em 2002, foi convidada a trabalhar na Superintendência de Controle de Endemias (SUCEN), onde teve a oportunidade de conhecer o Dr. Luiz Jacintho da Silva (*in memoriam*) que, além de superintendente desse órgão acumulava o cargo de coordenador da Coordenadoria de Doenças (CCD) e, após dois anos, foi convidada a trabalhar como assistente técnica na CCD, tendo como primeira encomenda desenvolver um programa de propriedade, posse ou guarda responsável de animais, com o objetivo de auxiliar na redução dos casos de leishmaniose visceral canina (LVC).

Em 2007 foi convidada assumir a gerência do ccz da Prefeitura de São Paulo. Depois foi para a Supervisão de Vigilância em Saúde (suvis), Regional de Vila Maria, onde passou a trabalhar com pessoas com transtornos de acumulação, um transtorno mental com graves consequências ao paciente, familiares, animais que eventualmente abrigue e vizinhos, com riscos à saúde individual e coletiva. Desenvolveu trabalho multidisciplinar e multissetorial que estimulou os gestores a instituírem o Comitê Intersecretarial de Enfrentamento do Transtorno de Acumulação no âmbito do município de São Paulo.

Em 2014 foi convidada a compor a equipe vigilância e controle da raiva do Instituto Pasteur, onde está até hoje, sendo diretora técnica dessa área por dois anos.

Preside a Comissão de Saúde Pública Veterinária do Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado de São Paulo e compõe a Comissão Nacional de Saúde Pública Veterinária no Conselho Federal.

Além do Instituto Pasteur, trabalha na Vigilância Sanitária do município de Guarulhos, desde 2015.

Desde o início da carreira, Dra. Adriana enfrentou muitos preconceitos; ela diz:

- ♦ outros profissionais da saúde não entenderam o que o médico veterinário faz na saúde pública;

- ♦ por ser jovem, mulher, recém formada e chefiar uma equipe de homens, machistas, com muitos anos de trabalho na prefeitura;
- ♦ dos colegas, em especial, os clínicos de pequenos animais que “salvavam” os animais, enquanto eu os “eliminava”, mesmo sendo em prol da saúde pública;
- ♦ dos colegas que atuavam na saúde pública e não aceitavam a adoção de medidas que garantiam o bem-estar animal, me chamando, de forma pejorativa, de protetora de animais, desconsiderando todo meu trabalho na saúde pública;
- ♦ da população, por eliminarmos animais;
- ♦ dos médicos do trabalho quando adoeci (um tipo de *burnout*), perturbada por realizar eutanásias.

E continua “receber a outorga do Prêmio Sebastião Timolara, foi uma grande honra. Minha carreira tem me proporcionado um aprendizado constante. O significado para mim é que estou no caminho certo, e que o reconhecimento da necessidade da mudança de um paradigma antropocêntrico para um paradigma biocêntrico ou ecocêntrico é imperativa e inevitável, ou seja, a importância de lutarmos pela saúde única e bem-estar único urge!” A. D., A. S. e S. R. M. ■

Mercado competitivo não deve ser motivo para insatisfação profissional

por Gabriela Mura – COMAC (Comissão dos Animais de Companhia)

Já considerando o mês de agosto de 2017, o país conta com 123.929 médicos veterinários ativos, distribuídos nas mais variadas áreas de atuação. Esse número vem crescendo, e cresce, na medida em que o número de cursos de graduação em medicina veterinária também aumenta. Atualmente, de acordo com o banco de dados do MEC, são mais de 240 cursos que injetam, por ano, cerca de cinco mil profissionais recém-formados no mercado.

Para quem não conhece, o CFMV (Conselho Federal de Medicina Veterinária) disponibiliza através do Sistema de Cadastro de Profissionais e Empresas – SISCAD, o número de profissionais registrados nos Conselhos Regionais de cada Estado, com exceção de Minas Gerais que não adere ao sistema – para completar a informação, a COMAC colheu os dados diretamente do CRMV-MG. Comparado aos demais países do mundo, o Brasil é campeão em número de cursos e profissionais. Diante disso, algumas questões nos vêm à cabeça: mesmo sabendo que a profissão nos possibilita atuar em mais de 80 áreas distintas, existe mercado capaz de absorver esse número expressivo e crescente de profissionais?

Periodicamente, a COMAC realiza pesquisas com veterinários e estudantes em eventos direcionados aos profissionais que atendem pequenos animais – área que, sabidamente, é aquela que atrai mais de 60% da classe – e

procura entender o grau de satisfação e expectativas em relação à profissão.

Os resultados se mostram surpreendentes considerando que 96% dos profissionais que atendem os pets estão totalmente ou parcialmente satisfeitos com a profissão e a área de atuação escolhida, mas, quando falamos em remuneração, apenas 37% dos médicos estão satisfeitos. Quase a metade dos entrevistados, 43%, cita a falta de valorização profissional como a principal dificuldade enfrentada na carreira.

Para aqueles que não estão satisfeitos com a remuneração ou valorização profissional, vale ressaltar que, nesse mercado cada vez mais competitivo, existe ainda muito espaço para o profissional especializado e atualizado, e é exatamente este veterinário que, de acordo com as pesquisas, se sente reconhecido. Isso porque o cliente e os colegas valorizam a oferta de um serviço diferenciado, exclusivo e de qualidade.

Para os cursos de veterinária a regra não muda, principalmente porque as técnicas de ensino evoluem. O acesso à tecnologia e a publicação de leis que visam à proteção e o bem-estar animal, propiciam a implementação de práticas mais modernas como procedimentos cada vez menos invasivos, a obtenção de resultados de exames e diagnósticos precoces e novas alternativas de tratamento. Diante desse resultado, cabe também aos professores e orientadores nortearem e orientarem seus alunos sobre a importância

da especialização, de modo a contribuir para a formação de profissionais aptos a preencherem os espaços ainda vazios desse grande mercado.

Não é transferindo a responsabilidade do fracasso para os clientes ou à crise econômica do país que o médico veterinário ganhará seu lugar ao sol, mas sim investindo em sua qualificação para atingir um futuro promissor.

Informações para imprensa

- ◆ Fundamento RP:
www.fundamentorp.com.br | (11) 5095-3866
- ◆ Cibelle Santos
csantos@fundamento.com.br | (11) 5095-3863
- ◆ Ana Amaral
aamaral@fundamento.com.br | (11) 5095-3866 ■

Por que o médico veterinário deve estudar o comportamento dos animais?

por Luiza Cervenka de Assis

Diagnosticar, examinar, prescrever, orientar, indicar são tarefas da rotina do médico veterinário clínico. Com tantas atribuições e responsabilidades, agora há mais uma: o estudo do comportamento animal. Mas será que isso é realmente necessário? Fará alguma diferença no atendimento?

Para responder estes e outros questionamentos, procurei o meu colega de mestrado em Psicobiologia e médico veterinário, Joacil Germano. Em 2008, era comum encontrarmos psicólogos, biólogos e zootecnistas no programa de pós-graduação. Mas médicos veterinários eram raros, quando não apenas um. Naquela época, os veterinários não se preocupavam tanto com a parte do comportamento dos animais. Então, por que Joacil decidiu fazer seu mestrado nesta área?

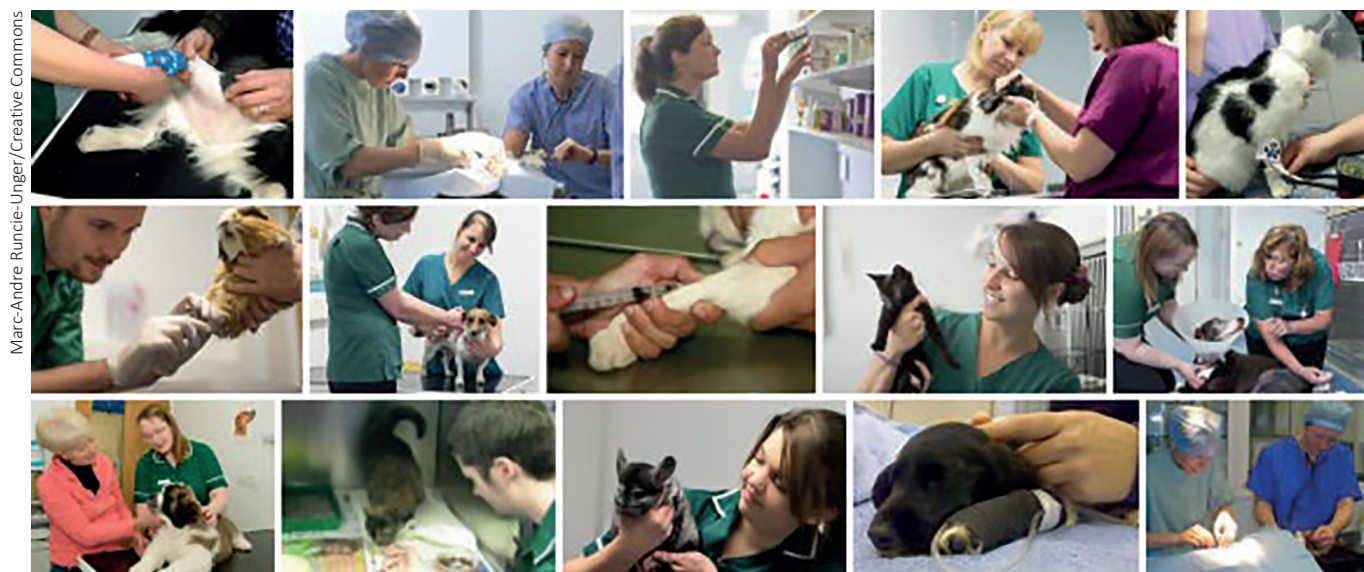
Ele disse que caiu de paraquedas. “Não imaginava o quão difícil e profundo era o estudo do comportamento animal. Pensei em desistir algumas vezes” confessa. Mas hoje, quase dez anos após sua primeira aula sobre etologia (estudo do comportamento), Joacil não se arrepende nem um pouco de ter insistido em uma área tão fundamental em sua profissão.

Além de fazer cirurgias, Joacil clínica com pequenos animais. “A forma de tratar os cães e gatos na consulta é outra. Antes de entender sobre estresse e manejo ambiental, eu

examinava o animal, prescrevia e finalizava a consulta. Hoje, deixo primeiro ele se ambientar, observo seu comportamento, enquanto faço a anamnese com o tutor. Só no final faço o exame” explica.

O veterinário conta que suas consultas são mais demoradas, pois além de observar o comportamento do animal, ele também instrui o tutor sobre mudanças a serem feitas na rotina do animal, a fim de obter melhor resultado no tratamento. Por ter um atendimento diferenciado, Joacil cobra um valor acima do praticado pela maioria de seus colegas. Se engana quem pensa que não há público. Apesar de uma vertente dos tutores buscarem por veterinários mais baratos, outros buscam por melhores atendimentos e estão dispostos a elevar o investimento.

Além de clinicar, Joacil é professor de cirurgia de pequenos animais na UNP (Universidade Potiguar) em Natal/RN. Mesmo não havendo no currículo a disciplina de comportamento animal, Joacil introduz conceitos básicos aos alunos. “É imprescindível que haja alguma noção de comportamento animal e etologia na formação dos novos veterinários. Só assim poderemos entregar profissionais mais completos ao mercado” afirma.



Marc-Andre Runcie-Unger/Creative Commons



Exatamente pensando nesta linha, a Dra. Cristiane Pizzutto, presidente da Comissão de Bem-estar Animal do CRMV-SP, está engajada em levar informação sobre comportamento, enriquecimento ambiental e bem-estar animal a todos os graduandos e graduados em medicina veterinária. Membro do International Environmental Enrichment Conference Committee, a Dra. Cristiane acredita que um profissional completo é aquele que consegue entender os sinais corporais demonstrados pelos animais, para obter um diagnóstico mais completo.

Segundo a veterinária, mesmo que muitas faculdades ainda não disponibilizem a disciplina de comportamento animal ou etologia, é importante que o profissional corra atrás das informações. “Seja em congressos, livros, publicações científicas ou cursos, é imprescindível o conhecimento básico do comportamento de cada espécie a ser tratada” aponta.

Apesar dos animais não falarem, eles se comunicam muito bem. Comunicação química, sonora e corporal são alguns exemplos. Se atento a um lambar de focinho, durante uma avaliação na clínica, o veterinário pode se precaver de possíveis mordidas e arranhões. Orelhas, rabo e pupila também são itens de importante observação, para entender melhor o que pode estar ocorrendo com o animal.

Não é apenas na clínica veterinária que esses sinais devem ser avaliados. “Para uma avaliação completa do caso,

é importante que o médico veterinário inclua na anamnese perguntas como o ambiente da casa e o comportamento dos tutores com o animal. A saúde é única: animal/humana/ambiental” elucida Dra. Cristiane.

Já são diversos os veterinários com pós-graduação em bem-estar e comportamento animal. Mas ainda é um número pequeno quando comparado a outras especialidades. “O Brasil ainda está engatinhando. Temos muito o que aprender e implementar nos cursos de graduação. Abrir o olhar do aluno para este foco comportamental é de extrema importância. Não apenas para quem quer seguir essa especialidade, mas para todos que irão atender animais, seja de pequeno, grande porte ou silvestre” elucida Dra. Cristiane.

Pode parecer muita coisa para um único profissional estudar. Além de entender sobre patologia, anatomia, se atualizar sobre medicações e administrar uma clínica, o médico veterinário também precisa estar atento e estudar sobre o comportamento da espécie que atende. Mas tudo isso é para um diagnóstico mais preciso e um tratamento mais eficaz. Só assim, teremos tutores mais bem orientados e satisfeitos com o atendimento recebido.

Comportamento aplicado à clínica

Há aquela máxima de que os animais não gostam de ir à clínica veterinária e não simpatizam com o veterinário. É um profissional que só entra em cena para aplicar vacinas e retirar sangue. Porém, há diversos manejos que podem ser aplicados na clínica, para que o animal perca o trauma do jaleco branco.

Deixar o cão solto na sala, cheirando tudo a sua volta, é uma forma dele compreender o ambiente e se sentir mais seguro. Neste momento, cabe um cafuné do veterinário ou até um petisco para ganhar a amizade.

Durante o exame, coloque sobre a mesa uma toalha trazida da casa do animal, para que ele reconheça o cheiro e se sinta mais confortável. Para mudar o foco dele, tenha no consultório brinquedos para colocar comida dentro. De tão entretido, talvez nem haja a necessidade de alguém segurá-lo para retirar sangue ou aplicar injeção.



Cão recebendo carinho enquanto coleta sangue. Olathe Animal Hospital in Olathe, KS



Cão atendido no local de maior segurança, enquanto ganha petisco. CityCollege, HWD.

Para gatos, o ideal é deixá-lo dentro da caixa de transporte, em um local elevado. Assim, ele terá uma visão mais ampla do que está ao seu redor. Para examinar, abra somente a parte superior da caixa e examine-o ali mesmo.

Ao final da consulta, ofereça um agrado para o animal. Mesmo que ele não aceite naquele momento, peça para que o tutor ofereça ao chegar em casa. Recompensar positivamente o bom comportamento do animal é fundamental para as próximas experiências continuarem sendo positivas.

Esses são apenas alguns exemplos de como o conhecimento do comportamento de cada espécie pode auxiliar na rotina da clínica, minimizando acidentes para profissionais e animais. “Na minha clínica, os tutores ficam felizes de verem que seus animais estão relaxados e confiantes. Alguns clientes me procuraram exatamente por eu ter um atendimento que visa o bem-estar do animal. O conhecimento do comportamento deles me trouxe mais clientes, que ao ficarem satisfeitos, retornam” experienciou Dr. Joacil.

Brinquedos cognitivos

Se não bastasse tudo isso citado acima, agora há no mercado os brinquedos funcionais ou cognitivos. A indicação desses também deve partir do médico veterinário. Afinal, eles foram criados por um colega veterinário.

Dr. Dalton Ishikawa atendia como clínico geral, mas se encantava com a área do comportamento. Após participar de diversos cursos e grupos de estudos, fez uma viagem a Inglaterra, onde conheceu o conceito dos brinquedos cognitivos.

Ao retornar ao Brasil, tentou importar estes mesmos brinquedos. Ao constatar que os produtos chegariam a preços elevados ao consumidor, inviabilizando a compra, Dr. Dalton começou a fabricar seus próprios brinquedos.

Criada em 2011, a Pet Games visa aumentar o bem-estar dos animais através do Enriquecimento Ambiental (EA). “O colega pode diagnosticar e tratar uma dermatite psicogênica. Mas só será efetivo se o ambiente deste animal for rico em desafios e atividades” revela Dalton.

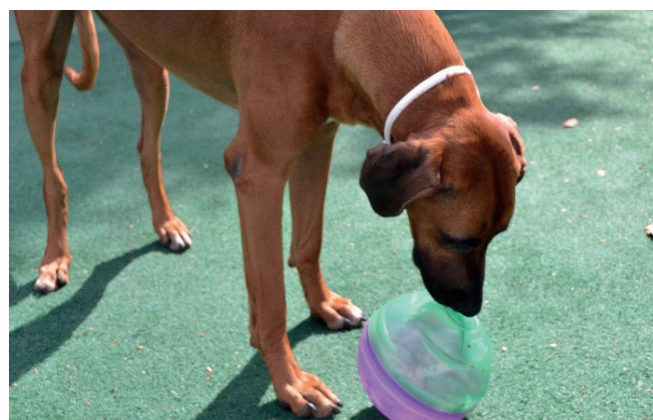
Segundo o veterinário, os maiores apoiadores do EA, os quais indicam seus produtos, são os terapeutas comportamentais e adestradores. “Ainda há uma certa dificuldade do médico veterinário compreender a importância do desafio cognitivo. Mas é compreensível. Na FMVZ-USP, onde me formei, não tive nenhuma referência de comportamento animal. Tive que buscar tudo fora da faculdade, para poder oferecer uma vida mais saudável aos animais” declara Dalton.

Antes coisa de vendedor de pet shop, agora também cabe ao médico veterinário prescrever brinquedos específicos, que auxiliarão no tratamento ou prevenção de certos problemas clínicos. Esses mesmos produtos, podem estar no consultório, ou mesmo na sala de espera, para entreter os clientes.

O funcionamento destes brinquedos é muito simples. Baseado no comportamento alimentar natural de cada espécie, o animal se vê desafiado a forragear, buscar seu próprio alimento. Por isso, evite indicar pote para a ração. O ideal é que os animais se alimentem como faziam há milhares de anos atrás, antes da domesticação.



Comedouro para cães e gatos.



Cão buscando ração na pet ball.

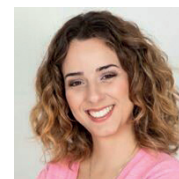
Além de gastar mais tempo na tarefa, os animais terão seus sentidos e cognição desafiados. É uma ótima alternativa para aqueles cães que se lambem em excesso, sem nenhum motivo aparente, ou mesmo para aqueles gatos obesos e preguiçosos. Isso sem falar em animais em confinamento, que apresentam comportamentos estereotipados, repetitivos ou que prejudicam a saúde. Basta alterar o manejo ambiental e inserir desafios, para alegria e bem-estar reinarem.

O conhecimento do comportamento animal vai muito além de entender se ele é social e vive em grupo, ou se é individualista e passa a vida solitário. Compreender o comportamento é garantir o bem-estar e a forma mais plena de vida, garantindo baixos índices de cortisol e altos níveis de serotonina. ■

Sobre a autora

Luiza Cervenka de Assis
(11) 97664-9990
www.luizacervenka.com.br

Bióloga, mestre em comportamento animal e especialista em jornalismo.



Termografia em Medicina Veterinária: uma técnica de infinitas possibilidades

por Samanta Rios Melo

A História da Termografia Médica

Em muitas doenças há variações em fluxo sanguíneo que afetam a temperatura da superfície corporal. A termografia e o estudo das suas imagens são um método não invasivo de diagnóstico, baseado na relação entre inflamação, alteração de fluxo sanguíneo e doença. Hipócrates descreveu há alguns séculos atrás que se há uma diferença de temperatura na pele, é bem possível que haja uma anormalidade patológica para aquela região. Ele passava uma fina camada de lama sobre seus pacientes com o propósito de investigar as áreas que ficavam mais secas primeiro, estas eram, portanto, as mais quentes e mereciam sua atenção. Esses foram os primeiros “mapas térmicos” da superfície corpórea humana.

Após a Segunda Guerra Mundial, a então chamada tecnologia de imagem infravermelha se solidificou e avançou, mas era restrita para uso militar. Os novos instrumentos baseados nessa tecnologia podiam detectar, embora rudimentarmente, movimentos de tropas em campos e terrenos e movimentos de navios à noite, por meio do calor que estes corpos emitiam. Alguns anos mais tarde, um médico obstetra canadense, Dr. Ray Lawson (Figura 1), solicitou acesso a este instrumento militar para possível aplicação médica. Quando obteve a autorização das autoridades, decidiu seguir os passos de Hipócrates e confirmou que a temperatura da pele que cerca uma formação tumoral (neoplásica), por exemplo, é maior que a temperatura da pele sadia. Este foi o primeiro experimento¹ com termografia médica datado de 1957. Em estudos posteriores ele ainda se tornou o primeiro médico a usar esta nova e “secreta” tecnologia de guerra para evidenciar os padrões de aumento de temperatura em imagens de seios de mulheres com tumores de mama.



Figura 1: Médico Canadense Dr Ray Lawson

Ao longo dos anos, o desenvolvimento de sistemas de imagem infravermelha melhorados e menos dispendiosos (termógrafos, ou câmeras termográficas) facilitou de maneira significativa uma avaliação quantitativa e objetiva das variações e padrões de comportamento da temperatura da pele humana e animal. Assim, com o tempo, as avaliações empíricas da termografia adquiriram um nível cientificamente aceito, denominado termologia. Em 1977 métodos padronizados de interpretação das imagens termográficas para neoplasias mamárias foram estabelecidos. Em 1982 a FDA (*Food and Drug Administration*) aprovou a termografia como método diagnóstico adjunto para pacientes com câncer de mama. Atualmente, os equipamentos são cada vez mais compactos, portáteis e possuem softwares modernos específicos para leitura das imagens, propiciando o uso dessa tecnologia de maneira cada vez mais quantitativa e qualitativa.

Termografia médica atual

Muitos profissionais já fazem uso da termografia médica em clínicas especializadas e a campo. Embora as câmeras termográficas possam ser bem modernas e de alto custo, versões portáteis e menores são mais acessíveis e podem ser facilmente compradas pela internet (www.flir.com).



Prof. Antônio Camargo

Figura 2: Termógrafo desenvolvido pelo Laboratório de Ótica do Instituto de Física da USP de São Carlos

No Brasil temos inclusive versões de termógrafos médicos criados por pesquisadores do Laboratório de Ótica do Instituto de Física USP de São Carlos (Figura 2), sob a direção do Prof. Luiz Antonio de Oliveira (luizant@ifsc.usp.br). Só para termos uma ideia da importância da termografia na medicina, o Laboratório de Termografia Médica, em Jaú, existe para realizar exames termográficos em homens e mulheres

portadores de dores crônicas e testar esses novos aparelhos nacionais. Está sob a coordenação do Dr. Antonio Carlos de Camargo Andrade Filho (accaftab@gmail.com), médico e membro honorário da sociedade brasileira de termografia. Dr. Camargo estuda e usa a termografia desde 1983: “O avanço da tecnologia com aparelhos ainda mais sensíveis, com aquisições de imagens mais rápidas e softwares de análises mais poderosos, para mim, muitos outros médicos brasileiros e de outros países e com a experiência clínica desde então, ficou patente que o método sempre seria útil nos casos de diagnósticos difíceis. Hoje a SBED - Sociedade Brasileira para o Estudo da Dor e a Associação Brasileira de Medicina Física e Reabilitação contam com Departamentos de Termografia”.

Aplicação da Termografia Veterinária

Na área acadêmica temos diversos grupos de estudo, no Brasil e em outros países, que se baseiam no uso na termografia. Dentro da Universidade de São Paulo, por exemplo, há três grupos de pesquisa com termografia, coordenados pelos Professores: Cassio Ricardo Auada Ferrigno (área de ortopedia em pequenos animais); Julia Maria Matera (área de oncologia e cirurgia em pequenos animais) e Luis Claudio Lopes Correa da Silva (área de grandes animais).

Assim, as pesquisas intensivas da última década contribuíram para aumentar o uso desta tecnologia em medicina veterinária. A termografia cutânea (ou de superfície) é um método diagnóstico que avalia a microcirculação da pele. Por meio da mensuração das variações de temperatura causadas por maior ou menor irrigação de um território microvascular, é possível distinguir décimos de grau centígrado por milímetros quadrados de área de tecido, enquanto que o ser humano só discrimina diferenças de temperatura em média maiores que 2°C com a técnica semiológica da palpação

com o dorso da mão². Dessa forma, em um mapa térmico, áreas mais quentes podem ter relação com inflamação e neovascularização e áreas mais frias com isquemia, necrose e diminuição de fluxo sanguíneo periférico.

Há muitas áreas onde a avaliação termográfica pode prover informação diagnóstica útil: reumatologia, fisioterapia, ortopedia, reprodução, dermatologia, oncologia e cirurgia, por exemplo. Ainda, nos animais podemos usar a técnica em diversas espécies, inclusive a campo ou com animais silvestres (Figura 3). O uso da termografia em veterinária vem aos poucos evidenciando maior confiabilidade e entendimento diagnóstico. O uso desta ferramenta em animais de grande porte aumentou consideravelmente com o advento das câmeras termográficas portáteis (Figura 4), permitindo o uso da ferramenta em campo aberto ou em condições diversas.

Na área de Grandes Animais, de acordo com Dra. Solange Mikhail, médica veterinária especializada em termografia e representante de vendas da FLIR®, “a alta sensibilidade permite a detecção de alterações subclínicas (Figura 5), por vezes de forma mais precoce do que pela radiografia. Em competições e em exposições, pode ser utilizada no controle de práticas antiéticas (como hipersensibilidade nas canelas dos cavalos de salto)”. Dra. Solange também trabalha com animais silvestres e diz que “nos animais silvestres, a termografia apresenta a vantagem de ser um exame à distância, e assim, confere mais segurança ao examinador e não provoca stress aos animais pois a contenção não é necessária. Também possibilita a avaliação de animais em grupo, detectando um animal com febre ou com um problema localizado. Assim também pode ser utilizada na avaliação de rebanhos de bovinos, e nessa espécie, uma utilização crescente é a detecção precoce de mastite”.



Figura 3: Mapa térmico de Arara.



Figura 4: Câmera termográfica portátil FLIR-TG165

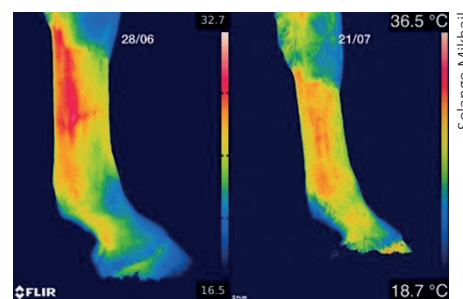


Figura 5: Osteoartrite társica (à esquerda) e após tratamento (à direita).

Nas áreas de fisioterapia e ortopedia veterinária, a termografia pode ser usada como auxiliar no diagnóstico de problemas como: claudicação³, dores de coluna, estiramento ou ruptura muscular, tendinites, neurites, periostites, ou mesmo ser indicativa de lesões mais graves (como rupturas de ligamentos⁴ e fraturas) e na identificação de doença de disco em coluna toracolombar em animais condrodistróficos⁵. Ainda, pode ser importante na avaliação e reavaliação das terapias instituídas.

A área onde há mais recentes e promissores estudos termográficos é na oncologia, para estudos de diagnóstico e prognóstico de mastocitomas caninos⁶ (Figura 6) e tumores de mamas em cadelas⁷. A termografia pode ser usada para detecção de tumores, avaliação de comprometimento de tecidos superficiais, mensuração de sua vascularização. Ainda, pode ser usada para avaliar a resposta à quimioterapia local e/ou sistêmica, bem como auxiliar na mensuração de margens cirúrgicas para excisão tumoral.

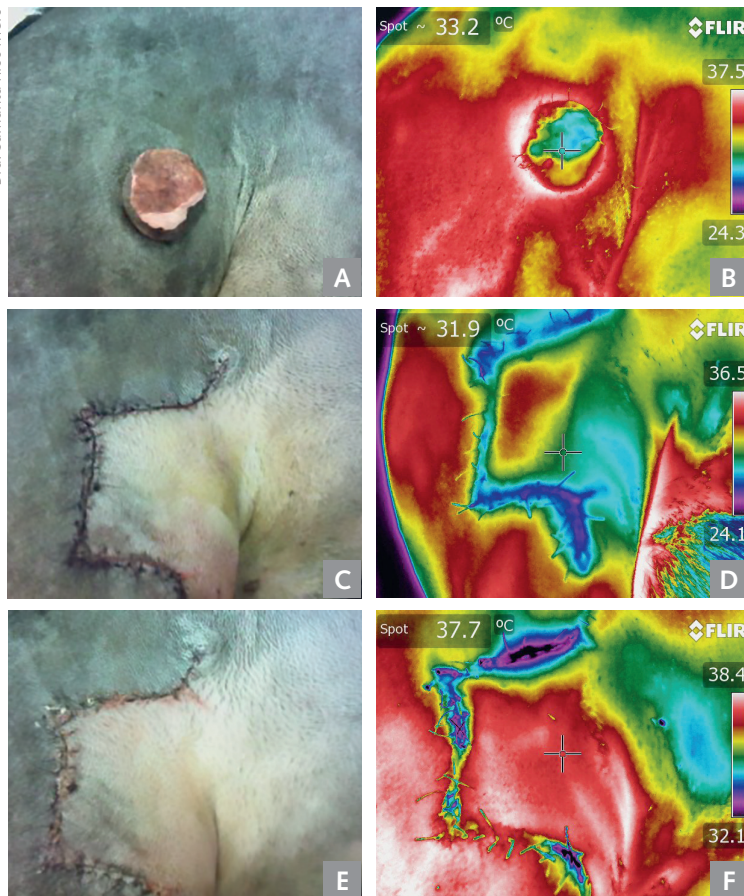


Figura 6: **A e B** – Imagem padrão (A) e termografia (B) de mastocitoma em cão da raça Rottweiler em membro pélvico direito. **C e D** – Imagem padrão (C) e termografia (D) de retalho cutâneo pediculado da mesma região anterior; pós-operatório imediato. **E e F** – Imagem real (E) e termografia (F) de retalho cutâneo pediculado; após 21 dias de evolução. Notar homogeneidade e aumento de temperatura indicando neovascularização do tecido.

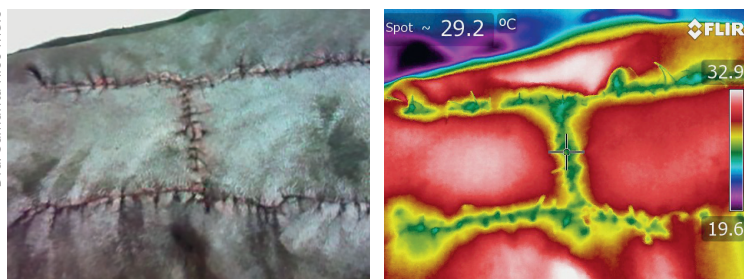


Figura 7: Imagem padrão (à esquerda) e termografia (à direita) de retalho cutâneo bipediculado em canino – Imagem termográfica com 2 dias de pós cirúrgico; o acompanhamento termográfico do retalho vai evidenciar possíveis áreas de necrose ou má repuração do retalho.

Sobre a autora

Samanta Rios Melo

Médica Veterinária, Mestre e Doutora na área de cirurgia e uso de técnicas de termografia; – formada pela Faculdade de Medicina Veterinária da USP; com residência em Clínica Cirúrgica no Hospital Veterinário FMVZ-USP; Mestrado em Clínica Cirúrgica (2013) e Doutorado em Clínica Cirúrgica (2017) na FMVZ-USP.



Estudos na área de cirurgia reconstrutora em cães também incluem dados termográficos para monitoração de retalhos cutâneos pediculados⁸ (Figura 7). O manejo e acompanhamento de feridas, retalhos cutâneos e enxertos também pode ser feito facilmente com uso da termografia, trazendo dados não passíveis de visualização por exame clínico: como isquemia inicial, inflamação e/ou infecção de tecidos subcutâneos, vascularização de tecidos.

Assim sendo, a imagem térmica poderá ser, muitas vezes, decisiva no estabelecimento de diagnóstico correto e na determinação mais precisa do prognóstico do paciente, por ser uma técnica de alta sensibilidade e cuja especificidade varia de acordo com o uso. De qualquer maneira, é um método de diagnóstico por imagem portátil, não invasivo, de alta repetibilidade, seguro e que não necessita de anestesia. Deve-se ressaltar que os resultados obtidos pela termografia infravermelha devem ser apropriadamente correlacionados com uma história clínica completa, um exame físico bem realizado e outros estudos diagnósticos, quando indicados.

REFERÊNCIAS

1. LAWSON R. N. Thermography: a new tool in the investigation of breast lesions. *Can Serv In*, 8: 517-24, 1957.
2. BRIOSCHI, M. L.; MACEDO, J. F.; MACEDO, R. A. C. Termometria cutânea: novos conceitos. *Jornal Vascular Brasileiro*, v. 2, n. 2, p. 151-160, 2003.
3. MARINO, D. J.; LOUGHIN, C. A. Diagnostic imaging of the canine stifle: a review. *Veterinary Surgery*, v. 39, n. 3, p. 284-295, 2010.
4. INFERNUSO, T.; LOUGHIN, C. A.; MARINO, D. J.; UMBACH, S. E.; SOLT, P. S. Thermal imaging of normal and cranial cruciate ligament-deficient stifles in dogs. *Veterinary Surgery*, v. 39, n. 4, p. 410-417, 2010.
5. GROSSBARD, B. P., LOUGHIN, C. A., MARINO, D. J., et. al. Medical Infrared Imaging (Thermography) of type I Thoracolumbar disk disease in condrodystrophic dogs. *Veterinary Surgery*, 43: 869-876, 2014.
6. MELO, S. R.; MACEDO, T. R.; COGLIATI, B.; FERRIGNO, C. R. A.; MATERA, J. M. Thermographic Assessment of canine mast cell tumors. *Indian Journal of Applied Research*, v. 5, i. 3, p. 539-543, 2015.
7. PAVELSKI, M.; SILVA, D. M.; LEITE, N. C.; JUNIOR, D. A.; de Sousa, R. S.; GUÉRIOS, S. D.; DORNBUSH, P. T. Infrared Thermography in dogs with mammary tumors and healthy dogs. *Journal of Veterinary Internal Medicine*, 29: 1579-1583, 2015.
8. MELO, S. R. Estudo crítico de mastocitomas caninos e de técnicas de anaplastia em cães após excisão. 2017. 100 f. Tese (Doutorado em Ciências) – **Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia**, Universidade de São Paulo, São Paulo.

- ♦ <https://www.thermacan.ca/research-publications>
- ♦ <https://infraredmed.com/2017/04/12/historia-da-termografia-medica/>
- ♦ www.flir.com.br

Manejo do luto na clínica veterinária

por Alice de Carvalho Frank

Nas faculdades de Medicina Veterinária brasileiras, o ensino do manejo do luto não é abordado durante a graduação. Pesquisa realizada em São Paulo em 2010 evidenciou que apenas uma faculdade oferecia psicologia em sua grade como disciplina obrigatória e apenas outra oferecia tanatologia como disciplina optativa, em um total de 89 faculdades (Lesnau & Santos, 2013). Este dado levanta questões: como o médico veterinário faz o manejo do luto com seus clientes? Será que ele se sente capacitado para realizar tal manejo? E como processa seu próprio luto?

Por que o manejo do luto na clínica veterinária é importante?

A clínica veterinária é composta por diversos segmentos: primeiros atendimentos, atendimentos a filhotes, consultas de rotina, crises, traumas, animais em processo de adoecimento agudo ou crônico, envelhecimento e morte. O fim da vida é parte integrante da clínica veterinária e é essencial que seu manejo esteja presente quando for necessário.

Por que clínicas veterinárias não oferecem suporte ao luto?

- ◆ Veterinários não são treinados
- ◆ Impacto da perda do animal difere para o tutor e para o veterinário
- ◆ Medo de mencionar o luto e não conseguir lidar com as demandas do cliente
- ◆ Diminuir o significado da perda facilita para o veterinário o conflito de não saber oferecer suporte
- ◆ Sociedade como um todo tem dificuldade em lidar com a morte
- ◆ Oferecer suporte para o luto não é pré-requisito profissional

Por que os veterinários não oferecem suporte para o luto?

As faculdades de medicina veterinária não oferecem uma formação específica voltada para este tema. Mesmo sendo o fim da vida estar presente sempre no cotidiano do médico veterinário, não diferente de protocolos de vacinação, cirurgias e anamneses, a graduação não tem uma disciplina voltada ao manejo do luto. Os profissionais acabam não tendo suporte técnico neste difícil momento, temem piorar a situação muitas vezes e não sabem como oferecer ajuda, mesmo querendo. Outras vezes, presumem diversas coisas que não são a realidade, como a de que o cliente ficará bem, ou ele não tem

um perfil é de alguém que sofra por seu animal ou então que seus amigos e família oferecerão melhor consolo que ele. Também podem se sentir responsáveis pelo falecimento e estarem acometidos por um sentimento de fracasso. Além disso, a sociedade ocidental tem a cultura de não conversar sobre a morte, pois é um tema delicado, que não somos acostumados a abordar.

Como o veterinário pode se preparar para dar más notícias?

Existe um protocolo na medicina humana muito utilizado para dar más notícias, chamado SPIKES (Baile et al, 2000). Ele consiste de alguns passos, como estar ciente do ambiente, certificar-se de que o cliente sabe sobre a saúde do animal, passar seu conhecimento atual para o cliente e estar atendo às emoções do cliente. É importante: buscar um ambiente reservado; retomar junto com o cliente o histórico do animal, deixando o cliente guiar a narrativa, para que o médico veterinário se certifique da percepção real do cliente acerca da doença do animal; passar as condições atuais do animal, sinalizando que não são as notícias que esperavam; certificar-se que o cliente compreende o que está sendo passado, validando seus sentimentos e emoções.

Como abordar a questão da eutanásia?

A decisão pela eutanásia é delicada e envolve diversos fatores. Se não for bem abordada e discutida, o tutor pode consentir e se sentir culpado e responsável pela morte do animal; ele pode consentir sem compreender que significa o falecimento naquele momento ou em breve do animal; ele pode recusar consentimento e colocar o animal em sofrimento; ele pode se tornar agressivo com o veterinário e abandonar o tratamento; entre outros desfechos. Por isso, é essencial que a eutanásia esteja clara para o cliente. Para isso, é interessante considerar uma consulta pré-eutanásia (Hewson, 2014), na qual abordam-se as dúvidas e os procedimentos do dia, explica-se como tudo é realizado, o cliente é incentivado a fazer o maior número de perguntas, para se certificar que está ciente e compreende todos os passos do processo (como levar o animal, o que acontecerá durante e o que acontecerá depois).

É importante clarificar todos os tratamentos realizados até então, todos os caminhos possíveis e explicar porque o veterinário está colocando a eutanásia como opção. Deve-se também perguntar se o cliente gostaria de estar presente, ou se outras pessoas gostariam. Questões sobre o pagamento também devem ser acertadas, para que o cliente não se preocupe com isso após a eutanásia de fato. No dia, após a realização da eutanásia, o tutor provavelmente estará muito sensibilizado, sendo essencial que o veterinário mostre suporte, empatia e acolhimento.

O que é luto antecipatório?

O luto antecipatório é quando o tutor começa a se enlutar com o animal ainda vivo. Este tipo de luto é muito comum quando o animal tem alguma doença terminal, quando é idoso ou quando o tutor toma conhecimento que a eutanásia é uma possibilidade. O luto antecipatório é uma forma de se preparar para o que está por vir. O tutor pode ficar mais resistente, reativo, sensível e com sensação de que irrealidade. O médico veterinário deve estar preparado para lidar com o cliente neste momento delicado, sem perdê-lo como aliado no tratamento do animal, mesmo que o desfecho do tratamento seja a eutanásia. É importante que o cliente não se sinta pressionado a tomar uma decisão apressada, ao mesmo tempo em que não deixe o animal entrar em sofrimento.

O veterinário pode também se enlutar por seus pacientes?

É inevitável que o médico veterinário crie vínculos com seus pacientes. São casos acompanhados ou por anos, ou semanalmente, de forma intensa e com muita dedicação de tempo e recursos para a recuperação dos animais. Há casos que mobilizam a equipe inteira da clínica ou do hospital, seja pelo tipo do caso ou pelo carisma do animal e do tutor. São relações de empatia nas quais nasce um vínculo que também deve ser considerado no momento do falecimento do animal. Por isso, o médico veterinário, e toda a equipe, devem ficar atentos aos seus próprios comportamentos quando um paciente querido morre. É importante buscar suporte dentro da própria equipe, compartilhar sentimentos e responsabilidades, sendo possível chamar algum profissional da saúde mental para organizar palestras e workshops com a equipe. Como o veterinário lidará com a morte de seus pacientes numa frequência alta? É essencial ele estar preparado para encarar esses lutos. A psicologia pode oferecer um ótimo suporte nestes momentos.

O que ele pode fazer para cuidar de sua própria saúde mental?

Há diversas maneiras de o médico veterinário cuidar de sua própria saúde mental. Estando atento aos seus próprios comportamentos, poderá perceber quando algo está diferente, se está mais irritado, com menos paciência com os clientes, mais cansado, com mais dores de cabeça, fadiga, apático, distante dos amigos e da família, etc. Ouvir os colegas de trabalho também é muito importante, pois nem sempre conseguimos perceber essas mudanças. Compartilhar e discutir casos, além de manter a coesão da equipe, fortalece os vínculos e assegura o veterinário de suas decisões. Dilemas éticos são comuns e cotidianos na clínica: será que este é um caso para eutanásia? O que mais podemos tentar com este animal? Será que eu poderia ter feito mais alguma coisa por aquele paciente? Como vou abordar aquela família muito ligada ao animal com más notícias? Essas são dúvidas e questionamentos diários, que

se partilhados e lidados em equipe, podem ter seus efeitos desgastantes mitigados, além do enriquecimento da discussão teórica e ética. Desta forma, afasta-se as chances de o profissional desenvolver *burnout* estresse moral e fadiga por compaixão, comuns dentro da medicina veterinária. Além disso, consultar-se com um psicólogo traz muitos benefícios para uma saúde mental equilibrada. Não é necessário esperar uma crise para procurar ajuda, como uma crise de ansiedade, síndrome do pânico ou depressão. Estando atento aos seus comportamentos, é possível buscar ajuda antes da situação se agravar.

Fatores a considerar ao dar más notícias

- ♦ Escolha um lugar privado, no qual não serão interrompidos
- ♦ Estabeleça junto com o tutor o histórico recente do animal, até o presente conhecimento do tutor
- ♦ Conte as más notícias
 - ♦ Sinalize que dará uma notícia ruim (ex. "infelizmente, os resultados dos exames não são o que esperávamos")
 - ♦ Em frases curtas, sempre verifique que o cliente está compreendendo
 - ♦ Finalize com perguntas abertas e não fechadas (ex. opte por "você tem alguma dúvida?" ao invés de "isso está claro?")
- ♦ Valide as emoções e sentimentos do cliente

Referências

- Baile, W. F., Buckman, R., Lenzi, R., Glober, G., Beale, E. A., & Kudelka, A. P. (2000). SPIKES – a six-step protocol for delivering bad news: application to the patient with cancer. *The oncologist*, 5(4), 302-311.
- Hewson, C. (2014). Grief for pets Part 2: Realistic client care so that you'd do no harm'. *Veterinary Ireland Journal*, 4(8).
- Lesnau, G. G., & Santos, F. S. (2013). Formação dos acadêmicos de medicina veterinária no processo de morte e morrer. *Bioscience Journal*, 29(2), 429-433. ■

Sobre a autora

Alice de Carvalho Frank
CRP 06/107051
alice.frank@gmail.com | (11) 94947-8879
Atendimento em Pinheiros

Psicóloga pela PUC-SP, mestre em ciências com ênfase em epidemiologia pela FMVZ-USP e aprimorada em luto pela PUC-SP. Psicóloga clínica e consultora autônoma.



O que é SIPEAGRO?

Se ainda não sabe, você vai precisar dele!

por Cibelle Santos – COMAC (Comissão dos Animais de Companhia) – csantos@fundamento.com.br

Com o constante avanço da medicina veterinária, o profissional médico veterinário deve estar sempre preparado para lançar mão de novas tecnologias que tragam benefícios a ele próprio, ao seu negócio e aos seus pacientes.

Em 01/01/2014, passou a vigorar a Instrução Normativa SDA nº 25, de 08 de novembro de 2012 (IN 25/2012). Esta norma determina os procedimentos para comercialização das substâncias e produtos para uso veterinário sujeitos a controle especial em todo estabelecimento que fabrique, manipule, comercialize, distribua, importe ou exporte, tornando obrigatório o seu registro no MAPA, bem como o registro do médico veterinário que pretenda prescrever e ou adquirir produtos constantes nas listas do Anexo I da IN 25/2012.

Em 21 de outubro de 2015, a Instrução Normativa MAPA nº 34, instituiu o Sistema Eletrônico Integrado de Produtos e Estabelecimentos Agropecuários – SIPEAGRO. A princípio e, de acordo com a referida norma, o sistema visava coordenar e gerir os cadastros e registros de estabelecimentos, produtos agropecuários e afins de forma integrada a um banco de dados único do MAPA.

Considerando a importância em saúde pública e a necessidade de controle dos produtos abrangidos pela IN 25/2012, o MAPA lançou mão do SIPEAGRO para implementar a rastreabilidade, desde a fabricação até a comercialização e dispensação no ponto de venda, garantindo assim o controle durante o processo e como bônus, otimizou o trabalho do médico veterinário que antes precisava se dirigir a uma unidade regional do MAPA para se cadastrar e obter os números para a aquisição e prescrição destas substâncias.

Segundo a Professora titular na FMVZ/USP e consultora científica do CFMV, Silvana Gorniak *“a importância fundamental para o cadastramento do médico veterinário se refere ao fato de que mesmo com seu registro no CRMV local regularizado, ele terá limitação de atuação e não poderá prescrever medicamentos controlados se não tiver também o registro no SIPEAGRO”*.

Assim, é imprescindível que o veterinário realize seu cadastro no SIPEAGRO o mais breve possível, evitando problemas que possam interferir no protocolo de tratamento do seu paciente, lembrando ainda que os antibióticos são candidatos fortíssimos a integrarem o sistema de prescrição e retenção de receita.

Para realizar seu cadastro no SIPEAGRO, o médico veterinário deve digitalizar de forma LEGÍVEL a carteira do CRMV, o comprovante ATUALIZADO de endereço a DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE, conforme modelo do Anexo XIII da IN 25/2012. Como não há um campo específico para anexar esse documento no sistema, o mesmo deverá ser digitalizado no mesmo arquivo em que se digitalizar a carteira do CRMV para, em seguida, anexá-lo como um arquivo único. O médico veterinário também deve enviar mensagem para o

endereço eletrônico atendimento.sistemas@agricultura.gov.br para informar que fez o cadastro e passar e-mail e telefone de contato. Após análise do fiscal, o pedido poderá ser INDEFERIDO PROVISORIAMENTE se faltar alguma informação ou documento. Caso isso aconteça, basta entrar novamente com seu login e senha e fazer as correções.

O passo a passo do processo de registro você encontra no link <http://www.sindan.org.br/download/Cadastro-Medico-Veterinario-Versao-II.pdf>.

Para conhecer a IN 25/2012 e seus anexos, acesse o link <http://sistemasweb.agricultura.gov.br/sislegis/action/detalhaAto.do?method=visualizarAtoPortalMapa&chave=573826556>

I. Prints para ilustrar

Para capturar as telas, você mesmo deve realizar o cadastro e imprimir. Neste link tem as instruções e as telas: <http://www.agricultura.gov.br/sistemas/arquivos/cadastro-medico-veterinario-versao-ii.pdf>

Os três maiores problemas relatados que fazem com que o cadastro seja recusado são:

- a. Documentos escaneados e enviados de forma ilegível;
- b. Comprovante de endereço deve apresentar o ENDEREÇO, e não a conta, e que seja válido (documentos de 2016, por exemplo, não são aceitos);
- c. CRMV que não foi atualizado: pedido de cadastro de profissionais de outros estados sem carteira secundária do estado no qual exerce a atividade.

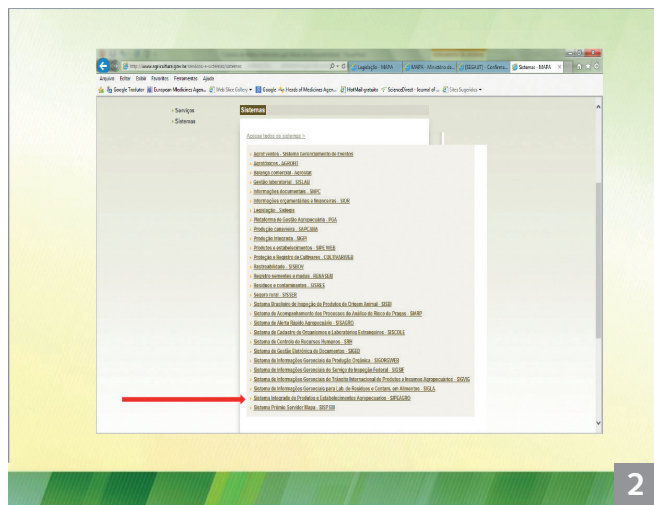
As telas principais que aparecerão no seu vídeo:

SIPEAGRO

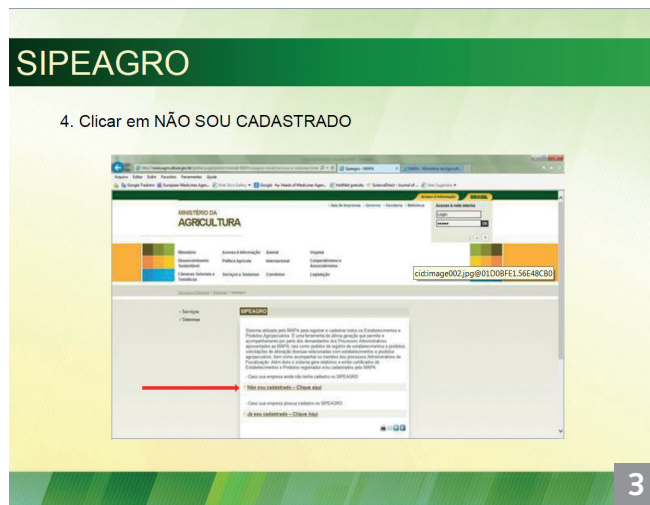
O sistema para cadastramento do médico veterinário pode ser acessado da seguinte maneira:

1. Ir no endereço eletrônico do Mapa: www.agricultura.gov.br
2. Clicar em “Serviços e Sistemas”;
3. Clicar em Sistemas e então selecionar SIPEAGRO – Sistema Integrado de Produtos e Estabelecimentos Agropecuários.

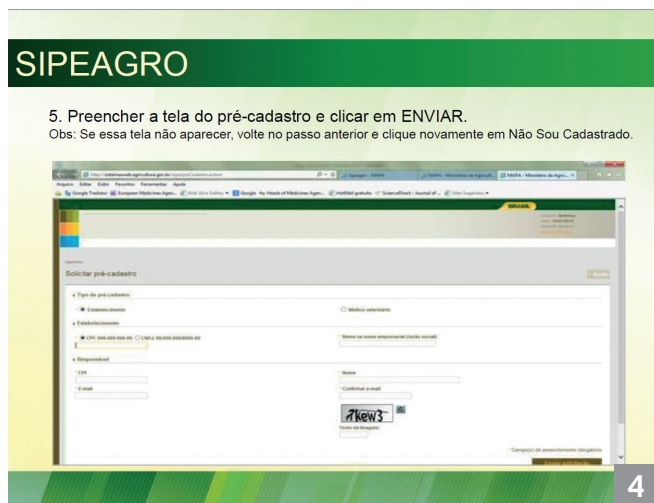
1



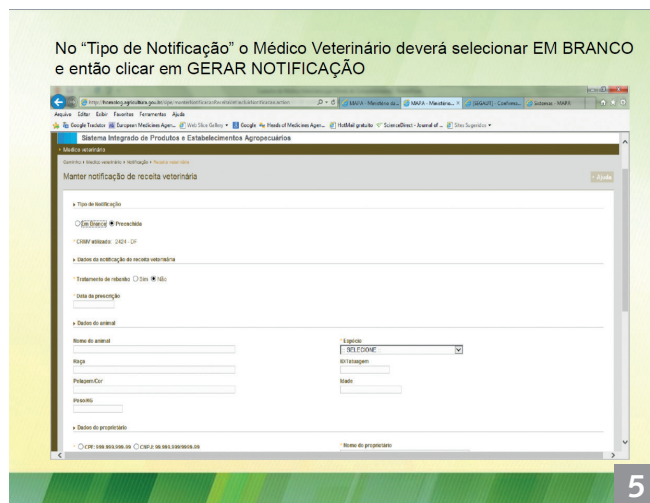
2



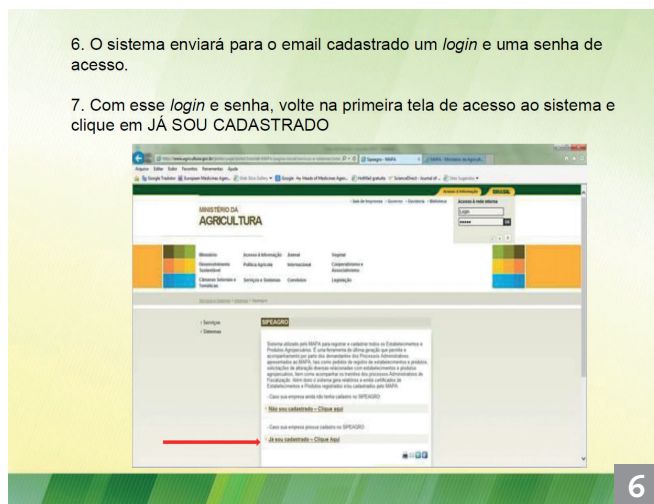
3



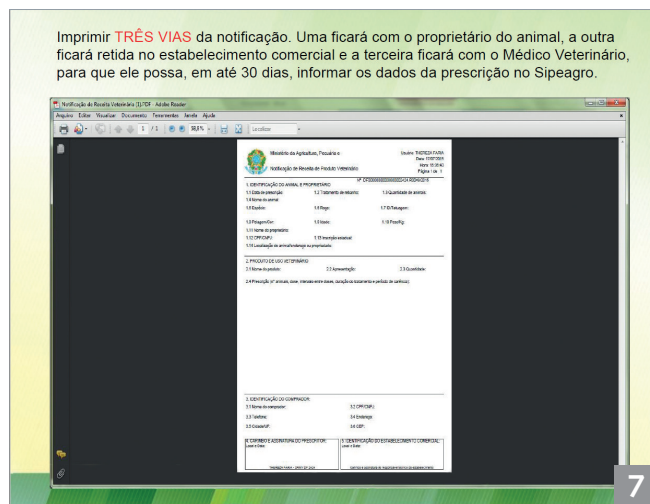
4



5



6



7



Cultivando a Língua Portuguesa

Renata Carone Sborgia

Graduada em Direito e Letras, mestra em Psicologia Social (usp), especialista em Língua Portuguesa, Direito e Gestão Educacional, membro fundadora da Academia de Letras, Artes e Música/BA, membro fundadora da Academia de Belas Artes/BH, Imortal da Academia de Letras do Brasil (ALB), docente, escritora, revisora e consultora em comunicação e literária

Livros publicados nas searas: Língua Portuguesa, Educação, Literatura e Tabagismo | renatasborgia@gmail.com

...sem pressa, meu amor. Os corações já se pousaram...se encaixaram.
Livro: Trechos tecidos com palavras... Sentimentos... Afins...
Sem Fim... (Madrás Editora), Renata Carone Sborgia

1

Foram jantar: sentaram “na mesa” reservada com os requintes de uma noite à luz de velas!!!

Com a expressão incorreta... noite sem requintes, prezado leitor.

O correto é
sentar à mesa.

Dica fácil

“sentar-me na mesa” é sentar literalmente em cima da mesa, sentar-se sobre, sentar-se em cima da mesa (e não na cadeira).

“sentar-me à mesa” significa se sentar próximo à mesa (ou seja: na cadeira).

Este verbo é pronominal, assim sendo, diga sempre “sentar-se” e não sentar.

É importante observar que “sentar-se à mesa” tem hífen, que se transforma em “ao”.

Exemplo:

se ao invés de “mesa” usarmos alguma palavra masculina teremos: “sentar-se ao balcão”.

2

Ele a cada dia tem tarefas para fazer, “mais” nunca se cansa do trabalho.

Precisa acrescentar na tarefa: estudar a diferença entre mais e mas.

Mas: indica oposição.
Mais: indica quantidade.

Exemplo correto:

Ele a cada dia tem **mais** tarefas para fazer, **mas** nunca se cansa do seu trabalho.

3

Maria tem a casa “enfrente” a um cinema.

Maria enfrente a expressão correta!!!

O correto é
em frente.

Dica fácil

em frente – algo frontal

Enfrente – forma verbal do verbo enfrentar

Exemplo:

Enfrente seus medos!!!

Para você pensar

....amigo é assim. Precisamos de um minuto de silêncio em vida. Precisamos do enterro em vida. Enterrar culpas, histórias mal redigidas, escolhas indevidas, saudades que nos atormentam sem fundamentos... fantasmas que rodopiam nosso pensamento... tudo precisa de um minuto de silêncio e um ritual para este cerimonial: enterro. Sem medo, amigo, de sair da tal zona de conforto (ou desconforto???) e mudar. Esta conversa entre mim e mim basta. Dói. Mas diga aí... quem quer se tornar melhor precisa rasgar-se, limpar-se, purificar-se, enterrar tudo aquilo que nada contra a nossa maré. E depois desse ritual... a capacidade de reerguer-se é que me mostra como está a minha força interior. Estou em pé. Ereta e renascida. Amigo é assim.

Renata Carone Sborgia – autora – trecho protegido pela Lei dos Direitos Autorais 9610/98



CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA VETERINÁRIA TEM NOVA DIRETORIA

Confirmada pela Comissão Eleitoral, a chapa nº 20 “**Inovação e Transparência**”, encabeçada pelo médico veterinário Francisco Cavalcanti de Almeida, venceu, em segundo turno, as eleições para o triênio 2017-2020 para gestão do Conselho Federal de Medicina Veterinária. A posse está prevista para o mês de dezembro em Brasília.

Composição da diretoria

Presidente: M. V. Francisco Cavalcanti de Almeida
Vice Presidente: M. V. Luiz Carlos Barboza Tavares – ES
Secretário Geral: M. V. Nivaldo da Silva – MG
Tesoureiro: M. V. Hélio Blume – DF

Conselheiros efetivos

Cícero Pitombo – RJ
João Alves do Nascimento Junior – PE
José Arthur de Abreu Martins – RS
Therezinha Bernardes Porto – MG
Wendell José de Lima Melo (zootecnista)

Conselheiros suplentes

Antonio Guilherme Machado de Castro – SP
Francisco Atualpa Soares Junior – CE
Irineu Machado Benevides Filho – RJ
Nestor Werner – PR
Walderson Alves Ferreira – GO
Fábio Holder de Moraes Holanda Cavalcanti – AM (zootecnista)
Paula Gomes Rodrigues – SE (zootecnista)